

MITOS, LENDAS, HISTÓRIAS SATERÉ-MAWÉ

contado por:

Tuxaua Servo Miquiles, Vila Nova, Rio Andirá, 1999

Traducido por **Ranulfo de Oliveira**, Vila Nova, Rio Andirá

Anotado por **Wolfgang Kapfhammer**, Alemanha

História do *puratig*

Origem da água

Origem do guaraná

Sobre *nusoken*

Como usar as tucandira

Origen do mundo

Como foi no tempo passado

O pau do veneno *tukai*

Como foi antigamente quando gente morre

Servo na Vila Nova

Como aconteceu a fundação da nossa comunidade

M 1 **Historia do Puratig** **Servo Mikiles, Vila Nova**

- 1) Então eu vou contar a historia do *purati~g*, de onde ele veio (começou). Para o meu amigo estrangeiro.
- 2) Porque ele quer saber como o nosso *puratig* chegou no meio de nós para nos ajudar. Aquele historia eu vou contar.
- 3) Naquele tempo vivia *ase.i Wasiri*, só ele. Ele morava no *nusoken* („paraiso“).
- 4) Naquele tempo não tinha faca, não tinha fogo, não tinha caminho.
- 5) Naquele tempo o *ase.i* não comia carne (comida de carne de caça), porque naquele tempo não tinha fogo para asar.
- 6) Mas ele comia fruta, ele procurava o que na língua dele é chamado „*ururumã* mole“. Ele procurou pra cá pra ali.
- 7) Ele pensou: „Pra onde tem fruta de inajá (sat.: *awyato ywaiti*, „onça em cima“).
- 8) Naquele tempo ele procurou essas frutas na mata (sat. *ga'apy*) pra comer.
- 9) Essas frutas ele procurava todos os dias.
- 10) Ele tinha dois filhos. É assim, que os velhos antigos contam.
- 11) Naquela hora, quando ele procurava essas frutas, os diabos ficaram bravos *com ase.i Wasiri*.

- 12) Eles quiseram matar ele, todos os dias eles foram para acasa dele. Mas não acharam.
- 13) Quando não acharam, eles voltaram de novo, os inimigos dele, que quiseram matar ele, os diabos.
- 14) Aí os diabos perguntaram os filhos dele: „Pra onde foi o pai de vocês?
- 15) „Aquele foi pra alí, pra procurar *ururumã* e *inajá* („onça em cima“), eles disse.
- 16) Aí eles foram procurar, os inimigos foram procurar ele para o matar.
- 17) Um dia *Wasiri* encontrou os diabos na mata. Aí eles quiseram matar ele.
- 18) Eles correram atrás dele, mas não pegaram.
- 19) Eles não conseguiram matar ele, porque ele foi o espírito de Deus (sat.: *Tupana pa'au*).
- 20) Então um dia ele encontrou os diabos de novo no mato.
- 21) Aí eles quiseram matar ele, mas não conseguiram.
- 22) Aí *Wasiri* voltou para a casa dele.

- 23) Depois da manhã ele foi de novo para procurar a comida dele, o *ase.i Wasiri*.
- 24) Ele achou um cacho de inajá.
- 25) Ele pensou, que a fruta já fosse madura (= vermelho), ele falou pra os filhos dele.
- 26) „Então a manhã eu vou cortar esse cacho de inajá.
- 27) Aí ele foi de manhã cedo.
- 28) Depois que ele saiu, chegaram os diabos.
- 29) Aí eles perguntaram: „Para onde foi o pai de vocês?“
- 30) Aí eles responderam: „Ele foi procurar inajá e ururumã. Mas ele demora muito (= foi muito longe).“
- 31) Aí os diabos perguntaram os filhos dele: „Como é o nome do seu pai?“
- 32) Aí eles contaram para os inimigos dele, mas os inimigos não entenderam o nome do pai (porque não entenderam a língua):
- 33) „**Espírito do Sol Perfeito**‘ é o nome do nosso pai, nós somos *Anumare hit*‘, o nosso pai é *‘Espírito do Sol Perfeito*‘, assim que disse o nosso pai.“
- 34) Assim que eles contaram para os inimigos dele, mas eles não entenderam.
- 35) Na língua dos Sateré é *„at pa'au ywakup“*, disseram os *Anumare hit*.
- 36) „É assim, que o nosso pai disse.“
- 37) É assim, que os filhos dele falaram: „Nós somos *anumare hit*, o nosso pai é *At pa'au ywakup*.“
- 38) Aí os inimigos falaram o nome do pai deles: „*Anumat, Anumat*“, ele já sabe bem o nome dele, aí ele foi atrás dele.

- 39) No caminho ele tentou falar: „*Anumare hit*“, mas acabou falar: „*Anumat, Anumat, Anumat, Anumat*.“
- 40) No caminho o inambú voou e espantou eles, aí eles esqueceram o nome dele e acabaram falar: „*Anawet, Anawet*“, e disse o diabo para si mesmo: „Não é assim o nome dele!“
- 41) Aí ele voltou para os filhos dele.
- 42) Ele perguntou: „Como é o nome do seu pai?“
- 43) „Nos somos *Anumare hit*, o nome do meu (= nosso) pai é ‚*At pa'au ywakup*‘. Assim que o meu pai disse.“
- 44) Aí o diabo foi de novo falando o nome dele no caminho: „*Anumat, Anumat*.“
- 45) E foi ainda mais longe, quando um calango (sat. *anehu*) espantou ele de novo, quando correu perto dele.
- 46) Aí ele espantou e esqueceu o nome dele de novo.
- 47) Aí ele de novo falou: „*Anuwet, Anuwet*“.
- 48) Aí ele voltou tres vezes para perguntar, aí os filhos ficaram bravo com ele.
- 49) Naquela hora o pai deles estava subindo na inajá (sat. *pywi*).
- 50) Ele estava bem sentado num lugar em cima.
- 51) Aí o diabo perguntou mais uma vez: „Como é o nome do seu pai?“
- 52) Aí eles ficaram bravo e falaram alto para ele: „Eu sou *Anumare hit*, o meu pai é *At pa'au ywakup*!“
- 53) Aí ele foi de novo, até ele chegou no tuco da inajá.
- 54) Naquela hora *Wasiri* estava lá em cima.
- 55) Aí ele levou um jabotizinho (sat.: *wawori hit*) desse tamanho [1 Spanne], também ele levou dente de cutipuru (sat.: *kutiere*), a dente dele é a faca dele.
- 56) Primeiro ele bateu com o jabotizinho, aí ele cortou [com a dente], nesse momento o inimigo chegou perto dele.
- 57) Aí o inimigo dele perguntou: „Como vai, filho da minha mãe [sat.: *aime~pyt*, filho da minha mãe; l.g. *a'i*, mãe]?“
- 58) Aí ele respondeu: „Tudo bém, filho da minha mãe! Muito legal (l.g.: *kairan posu'i se*)!“
- 59) Aí o inimigo dele disse: „Me dá uma frutinha, só para provar, filho da minha mãe!“
- 60) Aí *Wasiri* tirou uma inajá e chupou e o casco ele jogou para o inimigo: „Aí pega, filho da minha mãe!“
- 61) Aí ele pegou e ficou contente: „Tudo bém, filho da minha mãe, agora eu sou o pai de você (sat.: *i'ywot*)!“

- 62) Porque uma pessoa como *Wasiri* não tem pai, porque ele veio de Deus.
- 63) Então o diabo disse: „Eu tenho o meu pai“, porque ele tem pai mesmo, „mas você não tem pai!“, porque *Wasiri* veio de espírito de Deus, porque ele é *At pa'au ywakup*.
- 64) „Eu sou não.“
- 65) Mas *Anumare hit* significa: „Eu veio de Deus. Eu sou filho dele“.
- 66) É assim que *Anumare hit* falou: „Meu pai é *At pa'au ywakup*“, ele contou.
- 67) Aí ele pediu de novo essa frutinha: „Joga para mim!“
- 68) Aí ele jogou o casco de novo: „Pega, filho da minha mãe!“
- 69) Aí ele pegou contente: „Eu sou pai de você!“
- 70) Assim o diabo disse de brincadeira.
- 71) Mas de repente o inimigo dele ficou bravo.
- 72) Aí o *Wasiri* disse: „Espera um pouco, filho da minha mãe. Eu vou cortar um cacho para ti. Então espera lá, estende a mão!“
- 73) Mas ele cortou só [*leeren Fruchtstand*; sat.: *hat ka~g*, „*Frucht*“/„*Knochen*“].
- 74) „Já vem, filho da minha mãe! Não é pesado!“
- 75) Aí ele esperava para pegar pensando que era pesado.
- 76) Aí *Wasiri* enganou ele, aí ele agarrou: „Eu pensei, que esse negocio era bém pesado, eu fiquei como besouro¹. Mas não é pesado!“
- 77) Aí *Wasiri* disse: „É assim também vai ser esse casquinho, filho da minha mãe!“
- 78) Aí ele cortou com o jabotizinho, aí ficou mole [o cacho de inajá], aí ele cortou com o dente de cutipuru. Aí cortou esse cacho de inajá.
- 79) Aí o diabo esperava.
- 80) Mas agora esse cacho é muito pesado.
- 81) Aí o *Wasiri* disse „Já vai, filho da minha mãe!“
- 82) Aí ele matou.
- 83) Aí o *Wasiri* disse: „Como vai, filho da minha mãe?“ Mas ele não respondeu.
- 84) „Como vai, filho da minha mãe?“ „Como vai, filho da minha mãe?“. Ele não respondeu.
- 85) Aí ele desceu.
- 86) Aí ele tirou os ‚ovos‘ (sat.: *ihai pyt*), os ‚ovos‘ do inimigo dele.
- 87) Mas ele levou o ‚ovo‘ esquerdo.
- 88) Depois ele voltou de novo para tirar o direito dele.

¹ Estar com pés inclinados, esperando cargo pesado

- 89) Aquele ,ovo‘ direito ele levou para a casa dele e o plantou perto da casa dele. O *Wasiri* plantou.
- 90) Daquele ,ovo‘ direito cresceu a *tucumã piranga* (sat.: *tawara hupi*, t. vermelho), mas aquele esquerdo ele jogou pra fora no mato e daquele cresceu a *tucumã* do mato, esse com muitos espinhos (sat.: *hu*). Aqueles espinhos servem para nada.
- 91) Então eles foram de novo depois de manhã para a casa dele.
- 92) Aí os inimigos dele pensaram: „Será que ele levou para plantar [os ,ovos‘].“
- 93) Aí eles vão para a casa dele, aí procurando pra cá, pra alí, andando, aí eles acharam uma árvore espinhosa, *tawara*, já cresceu.
- 94) Aí eles pensaram: „Primeiro não tinha essa árvore espinhosa.“
- 95) Primeiro não tinha espinha, mas eles [os diabos] fizeram os espinos dela. Eles colocaram esses espinhos, para que nós não possamos atrepar para comer. Mas nós podemos cortar com gancho, nós quebramos. É assim que nós fazemos.
- 96) A planta do *Wasiri* é único, aquele, que é chamado *tawará*.
- 97) Aí eles voltaram para a casa deles, porque não conseguiram para matar, não conseguiram matar *ase.i Wasiri*.
- 98) Por isso os diabos tinham medo do *Wasiri*.
- 99) Aí eles pensaram: „Como é, que nós vamos conseguir?“
- 100) Aí eles fizeram uma armadilha (sat.: *wamiri*). Eles fizeram muitas armadilhas pra matar ele.
- 101) Mas um dia *Wasiri* achou muitas armadilhas deles.
- 102) Então ele viu, mas ele não conhecia, o que era.
- 103) Aí ele tocou [a armadilha de fora], depois ele meteu a mão dentro da armadilha.
- 104) Aí a armadilha amarrou a mão dele.
- 105) Aí com o outro braço ele quis tirar a mão dele da armadilha, mas a outra mão ficou preso também. Aí estava o *ase.i*.
- 106) Naquela hora os donos da armadilha, os inimigos dele, quando eles chegaram, o *ase.i Wasiri* estava preso na armadilha.
- 107) Ele estava morto, mas não era verdade.
- 108) Ele matou si mesmo, mas não era verdade, mas a gente 'tava morto.
- 109) Aí eles [os diabos] olharam: „O que está lá [dentro da armadilha]?“
- 110) Aí eles desmacharam [abriram] a armadilha.

- 111) Aí eles levaram um cesto (sat.: *suki*) para colocar ele, aí eles colocaram ele no cesto.
- 112) Ele estava morto já, mas era mentira (sat.: *sa.a~g*). Ele não morre, porque ele veio de espírito (sat.: *ma'ãu*).
- 113) Então eles o levaram até eles pararam.
- 114) Aí eles penduraram o cesto e deixaram por alí.
- 115) Eles foram para a casa deles para convidar os pessoal.
- 116) „Qual bicho nós deixamos alí?“ assim que eles estavam adivinhando. Assim muitas vezes estavam perguntando.
- 117) Aí eles contaram: „Como foi? As mãos dele foram preso na armadilha. Também ele 'tava morto.“ Assim eles contaram.
- 118) Aí eles 'tavam pensando: „Eu acho que é o *Wasiri* andando por alí. Foi ele que fez muitas bagunças para nós. Ele, o filho da cobra²“, ele disse.
- 119) Então vamos olhar antes de comer.“
- 120) Aí eles vão para comer.
- 121) Quando eles chegaram perto dele, ninguém estava mais dentro do cesto, nem teve cesto também. Ele levou para a casa dele.
- 122) Então *ase.i Wasiri* olhou o cesto (sat.: *teiam*). Daí ele aprendeu tecer cesto. *Wasiri* foi o primeiro que teceu um cesto (sat.: *suki*). Veio de *Wasiri* que nós sabemos fazer cesto. Hoje em dia [esse conhecimento] fica com nós. Vieram de *Wasiri* aqueles cestos, o conhecimento de fazer eles. O cesto dos diabos (sat.: *ahia~guia*) chegou na mão de gente (sat.: *miit'in*). Ele conseguiu aprontar um cesto, em vez que os diabos conseguiram matar ele.
- 123) Aí eles fizeram outra arma (sat.: *-kyse*) para cortar o pescoço (sat. *ut ye*) do *Wasiri*.
- 124) A faca deles – chamado (sat) *kyri kyri sa'awy*³, ele disse, igual tesoura grande (sat.: *sapira wato*). Essa arma eles fizeram.
- 125) Quando essa arma estava pronto, o *Wasiri* já sabia, que os diabos já fizeram uma arma para matar ele.
- 126) Primeiro ele foi para a casa deles antes que eles fizeram a arma.
- 127) Naquela hora só as crianças estavam na casa deles.
- 128) Mas aquela arma já era quase pronto.

² Ver o mito do origem do guaraná. Sateré antigo: *moi wekyry tui pyt* (wekyry tui: língua geral) = sateré moderno: *moi me~pyt*,

³ refere-se a uma „arma“ mítica, faz tiquetaque como relógio, mata de longe, através de apontar a alguma pessoa; é „muito veneno“ (Ranulfo).

- 129) As crianças falaram para ele: „Os nossos pais fizeram uma arma para matar *Wasiri*. O nome da arma é *kyri kyri sa'awy*“, assim que as crianças disseram para ele.
- 130) Aí o *Wasiri* já sabe, que eles querem matar ele.
- 131) Quando ele pensou, que já deveria ser pronto a arma, ele voltou para a casa deles.
- 132) Aí ele achou muito bom aquela arma.
- 133) Ele desejou (sat.: *toi'atu uhuuhu*), que eles deixaram a arma, para que ele pudesse pegá-la: „Deixa a sua faca, deixa a sua faca!“ ele pediu sempre para o seu pai [?].
- 134) Mas um dia eles deixaram a sua faca. Os inimigos dele deixaram a faca na casa deles.
- 135) Eles foram procurar comida.
- 136) Naquela hora ninguém dos adultos, mas só as crianças ficaram em casa, só duas crianças.
- 137) Aí ele perguntou: „O que é esse negocio aqui?“
- 138) Eles responderam: „Essa arma é para matar *Wasiri*. Para cortar o pescoço do *Wasiri* (sat.: *Wasiri ut'yp tek*) os nossos pais fizeram essa arma. Mas não está pronta.“
- 139) Aí ele disse: „Tudo bém.“ Aí ele voltou para a casa dele.
- 140) Mais tarde ele já sabia que a arma 'tava pronta: „Agora já está pronta a arma para matar *Wasiri*, a faca dos nossos inimigos“, é assim que eles contaram.
- 141) Aí ele pediu sempre para o seu pai [?], para que eles deixarem a arma deles.
- 142) Mas um dia eles saíram tudo para o mato, só duas crianças ficaram, dois meninos, e deixaram a faca também.
- 143) Naquela hora *Wasiri* chegou na casa deles e entrou.
- 144) Aí ele olhou e viu a arma pendurada fazendo um barulho: „*Tik, tik, tik, tik*.“
- 145) Aí o *Wasiri* perguntou: „Qual negocio é isso?“
- 146) Aí eles responderam: „Essa arma os nossos pais fizeram para matar (sat.: *auka*) *Wasiri*“.
- 147) Aí ele tirou esse negocio pendurado.
- 148) Ai perguntou: „Mas como a gente usa?“
- 149) Aí [as crianças]: „Não vira a ponta dela para cá, filho da minha mãe!“ disseram (sat.: *i'atu'e*), „vira para o outro lado!“
- 150) Naquela hora um papagaio deles 'tava lá.
- 151) Aí os meninos contaram para ele: „É assim a gente usa“, e viraram [a arma] contra o papagaio.
- 152) Aí o pescoço do papagaio foi cortado de repente.

- 153) Aí o *Wasiri* sabia usar. Aí ele roubou aquela arma e virou-la contra as crianças.
- 154) As crianças gritaram: „Não vira pra cá!“
- 155) Mas ele cortou o pescoço de cada um deles de repente.
- 156) Aí ele colocou os corpos dos meninos no quarto deles.
- 157) Aí *Wasiri* esperava os pais deles.
- 158) No meio dia os pais deles chegaram, primeiro veio uma pessoa só.
- 159) Aí *Wasiri* virou a arma para ele e cortou o pescoço dele.
- 160) Depois dele vieram mais outros, aí ele virou de novo e cortou o pescoço deles.
- 161) Aí ele colocou os corpos no quarto deles.
- 162) Ele matou quase todos os seus inimigos. Naquela hora vieram muitos inimigos dele.
- 163) Aí o *Wasiri* saiu da casa deles, aí ele correu e levou aquela arma.
- 164) Aí eles gritaram, os inimigos dele: „Agora ele vai acabar com nós! Agora nós vamos morrer!“
- 165) Aí os inimigos dele pensaram.
- 166) Aí eles fizeram um arco (sat.: *ywat*, arco; *mo'ry'a ywat*, arco com flecha; *ipyî*, Pfeil) e flechas.
- 167) Aí eles levaram para trocar com aquela arma.
- 168) Quando eles chegaram na casa dele, eles ofereceram arco e flecha.
- 169) Então eles disseram para ele: „Você pode ficar com essa arma“, ele disse pra *Wasiri*.
- 170) É por isso, que os Sateré têm arco e flecha através de *Wasiri*. Aquela arma (*-kyse*) foi a origem da serra agora na mão dos brancos, lá rio em baixo (sat. *he~pype*, rio abaixo). Aquelas armas ficaram na mão deles. Mas na mão dos Sateré ficaram só as flechas.
- 171) Por enquanto é só isso. Eles não conseguiram matar *ase.i Wasiri*.⁴
- 172) Aí os diabos pensaram de novo como conseguir matar *Wasiri*.
- 173) Um dia os inimigos deles pensaram: „Então vamos levar o *Wasiri* para o fim do mundo (l.g.: *ywysasatre*; sat. mod.: *yi sasat hap kape*), assim que ele disse, „e nele [*no abismo*] nós vamos jogar.“
- 174) Aí um diabo (sat.: *ahiãg*) levou *Wasiri*, ele enganou muito *Wasiri*.
- 175) Aí ele disse: „Vamos passear até o fim do mundo“, assim ele falou para conseguir jogar. Aí ele conversou com *Wasiri*.

⁴ Variante: *Wasiri* „desativa“ a arma (*-kyse*), antes de trocar ela por arco e flecha. Quando o dono da arma uma vez a esqueça na viagem, ele volta para o lugar para busca-la. Mas a arma tinha se transformado em passarinho (sat.: *pyrit*; canta: *tiktiktikpyrit*).

- 176) Porque foi o diabo *Awura'i*, ele quis mudar o nome do *Wasiri* [= ele queria colocar o seu nome „*Awura'i*“ no lugar do nome do *Wasiri*].
- 177) Agora ele deu o nome *Awura'i* para *Wasiri*.
- 178) O diabo disse: „Fala *Awura'i*: „O diabo jogou *Awura'i*, filho da minha mãe!“
- 179) Porque o diabo deu á *Wasiri* o nome de *Awura'i*.
- 180) Mas *Awura'i* disse: „*Awura'i* jogou o diabo!“
- 181) Sempre eles falaram assim na viagem.
- 182) Aí eles chegaram no fim do mundo.
- 183) Aí, quando eles chegaram perto do fim do mundo, aí o diabo disse: „Vem aqui á minha direita, filho da minha mãe!“
- 184) Mais *Wasiri* passou para a esquerda.
- 185) Aí perto do fim do mundo *Wasiri* empurrou o diabo.
- 186) Aí por isso os diabos ficaram aquí no mundo (sat.: *mesuwe*). Eles são os nossos inimigos, ninguém pode vê-los.
- 187) Aí *Wasiri* jogou o inimigo e voltou sozinho.
- 188) Ele andou um dia inteiro e dormiu no meio da viagem num buraco de um pau grande.
- 189) Ele 'tava muito cansado.
- 190) Aí ele cortou um pauzinho [*gemeint*: muleta, **Krückstock**].
- 191) Com essa varinha ele continuou a viagem.
- 192) Aí ele dormiu no caminho.
- 193) E também ele levou um dente do cutipuru.
- 194) Naquela hora o Espírito Santo falou. Ele revelou os seus mandamentos a noite inteira.
- 195) Espírito de Deus falou.
- 196) Através daquela palavra veio o *purati~g*.
- 197) Aí lá rio em baixo tem a Bíblia (sat.: *popera*, Papier, Buch, **Bibel**), a palavra de Deus (sat.: **Tupana ehay**) [mesma coisa como o] *purati~g*.
- 198) Então *ase.i Wasiri* falou para si mesmo.
- 199) Naquela hora ninguém havia visto essa palavra do Espírito (sat.: *ma'ãu*), que falou a noite inteira.
- 200) Essa palavra ele escreveu com dente de cutipuru naquela muleta (sat.: *topo'yha*, muleta dele; *mo'yha*, muleta) num lado.
- 201) Mas a palavra dos inimigos ele escreveu no outro lado.
- 202) Mas no outro lado ele escreveu a palavra de Deus no *purat~ig*.

- 203) Quando amanheceu essa voz parou, mas ele já terminou de escrever.
- 204) Então de manhã cedo Wasiri olhou para conhecer quem havia falado.
- 205) Mas ele viu ninguém, só uma árvore igual mangueira (sat.: *ma~ka yp*). Daquela mangueira saiu a voz (sat.: *sehay*).
- 206) Mas ele levou todas as palavras no escrito.
- 207) Aí ele andou de novo o dia inteiro.
- 208) Aí ele dormiu de novo num buraco de pau grande, porque ele estava muito cansado.
- 209) Aí ele entrou no buraco do pau grande para dormir.
- 210) Mas [na verdade] ele entrou na casa (sat.: *yat*) da Cobra grande.
- 211) Naquela noite a Cobra grande veio, o dono da casa.
- 212) Ele parou na porta do buraco [enrolado]. ‘Tava aí.
- 213) Aí a Cobra grande falava a noite inteira para *Wasiri*: „Porque é, que você só come fruta?“ Mas a Cobra grande só come caza de veado.
- 214) Assim ele fez troça de *Wasiri* a noite inteira.
- 215) Ele desejou, que amanhecesse logo [para voltar a cazar].
- 216) Perto de onde estava *ase.i Wasiri* tinha um pau seco, naquele tinha os filhos de arara (sat.: *hanun*).
- 217) A cobra voltou a pedir que chegasse o dia para ele comer o filho do papagaio e o filho do arara. Assim sempre falou a noite inteira.
- 218) De manhã cedo a Cobra já estava dormindo, ramcando.
- 219) Aí *Wasiri* passou e pisou na cabeça dele.
- 220) Aí ele pulou. Aí a Cobra acordou. Aí ele [a cobra] disse: „Se só te tivesse comido antes de sair!“
- 221) Aí *Wasiri* estava escondido lá fora, esperando a Cobra sair.
- 222) Aí a Cobra saiu.
- 223) Aí ele [a cobra] foi para a casa do *Wasiri* e ele foi atrás da Cobra fazendo picada.
- 224) Aí *Wasiri* pensou que a Cobra vai chegar na casa dele.
- 225) Aí *Wasiri* ultrapassou a cobra para chegar em frente dela na casa.
- 226) Na porta da sua casa ele estava sentado espiando a chegada da Cobra.
- 227) Mais tarde chegou a Cobra e subiu no pau seco para comer os filhos do arara.
- 228) *Wasiri* pensou: „Tomara [sat.: *toiuhuuhu*] que a Cobra caísse de cima!“
- 229) No momento em que a Cobra chegou na porta da casa das araras ele olhou para dentro.
- 230) Aí o arara gritou e espantou a Cobra.

- 231) Aí ele caiu. Aí caiu em cima de uma inajá e o corpo da cobra foi cortado em muitos pedaços.
- 232) Aí ele morreu e não conseguiu comer aquele arara perto da casa do *Wasiri*. A Cobra 'tava aí.
- 233) Aí ase.i *Wasiri* já estava de volta na sua casa.
- 234) Aí a muleta dele já se tornou *purati~g*.
- 235) Aí ele pensou.
- 236) Aí ele fez um pedaço de pau bém bonito como o *purati~g* verdadeiro, feito de pau brasil (sat.: *mani pe ran yp*; pau [yp] de mandioca [*mani*]) bem bonito
- 237) Ele não fez com a faca, mas com dente de cutipuru.
- 238) Ele copiou daquela varinha (sat.: *aria'yp hit*, muleta) e tudo ele repassou para esse novo pedaço de pau.
- 239) Aquela muleta (sat.: *po'yha*) é o *purati~g* do ase.i *Wasiri*.
- 240) Aquele escrito (sat.: *iwan*) fica na mão dos brancos, a palavra do *purati~g*.
- 241) É só isso.

M 2 Origem da Agua Servo Mikiles

- 1) Da mesma maneira nos vamos falar sobre as imagens (sat.: *Tupanaria*; = Deuses). **Anuma** é Tupana e **Uniwāsap'i** é a irmã dele.
- 2) Naquele tempo não tinha água nessa terra.
- 3) Naquele tempo eles fizeram tratamento (sat.: *te'eru poha~g nug; moha~g*, remedio) só com folhas mastigadas.
- 4) Eles fizeram também remedios do pó das folhas antes da criação de água.
- 5) Naquele tempo eles comeram as folhas e fizeram também remedio feito de pó.
- 6) Aí o Deus pensou em criar água
- 7) Aí Deus 'tava pendurado para criar água
- 8) Daí caíram pingas de agua numa vasilha.
- 9) Essa „imagem“ (sat.: *ia~'akap*) pertenceu aos padres para fazer esse som: „ping“.
- 10) Aí a água estava pronta mas ninguem a viu.
- 11) Aí a água ficou muito limpa.
- 12) Essa água primeira veio de Deus e foi muito remedio.
- 13) Aquela água não tinha por aquí [foi escondido], porque sumiu como o paraíso (sat.: *nusoken*)
- 14) Naquele tempo ele estava sozinho aquí. Deus já tinha levado a água bom para remedio.
- 15) Então essa água era muito limpa, como eles fizeram do pozo (sat.: *yi pywiat*, Wasser // Erde/ unter).
- 16) Mas ele fez essa água não muito grande.
- 17) Daquele água ele fez remedio.

- 18) Foi *Uniwāsap'i*, a irmã deles que amassou os remedios deles como guaraná ralada, sempre de manhã cedo.
- 19) O genro dela chamado *Sururí* (l.g.: trovão) *pakup'i* morava longe da casa dela.
- 20) Um dia eles já souberam
- 21) Ele sempre chegou para tomar remedio com eles.
- 22) Um dia ele chegou a saber, que a água e os remedios dos Anumareria já estão pronto.
- 23) Mas o pai dele não quis que ele fosse de novo.
- 24) „Meu pai os tios (chamados *muricá*, língua geral, peixe) estão tomando os remedios com a água“, disse, „então eu também vou tomar os remedios junto com os tios.“
- 25) Quando ele chegou na casa do seus tios le os não achou, mas estava só *Uniwāsap'i*.

- 26) Ele foi procurar os remedios.
- 27) Quando ele chegou, ele conversou com *Uniawāsap'i*.
- 28) Ela perguntou: „Como vai?“
- 29) Aí ele respondeu: „Eu vim aqui para conhecer os remedios dos meus tios. Porque eu sei, que eles já tomaram os remedios com a agua.“
- 30) Aí *Uniawāsap'i* respondeu: „Sim.“
- 31) Aí *Uniawāsap'i* contou para ele, onde é escondido a água.
- 32) Aí ela mostrou, mas a água não apareceu e ficou escondido. Ninguem podia ver.
- 33) Aí ele procurou pra cá e pra alí, até ele achou um pouquinho de água.
- 34) Aí ele reclamou, porque foi muito pouca água.
- 35) Aí ele disse para o pai dele: „A água dos meus tios é muito pouco, papai!“
- 36) Nesse momento *Uniawāsap'i* já sabia na sua coração como ele falou para o seu pai.
- 37) Aí ela disse para si mesmo: „Sim, essa água é muito pequena. Você vai aumentar a água.“
- 38) Aí ele voltou para a casa dele e antes de sair disse: „A manhã vou voltar de novo para tomar remedio dos meus tios.“
- 39) Depois de ele tinha saído, os tios dele chegaram na casa deles.
- 40) Eles perguntaram a irmã deles: „Ninguem veio hoje?“
- 41) Ela respondeu: „Não, mas só uma pessoa veio hoje. É um homem.“
- 42) „Mas, quem é ele?“
- 43) „Eu não sei que é.“
- 44) Então os irmãos dela de novo: „Mas o que é que ele falou?“
- 45) Aí ela respondeu: „Foi o Trovão (sat.: *tunu~g* [onomatop.], sat.: *hurue*).“
- 46) Aí os irmãos dela de novo: „Ah, eu acho que é *Sururí pakup'i*! É ele que faz assim, quando chega.“
- 47) A irmã: „Ele reclama os nossos remedios. Ele disse, que era muito pequena a água.“
- 48) Os irmãos: „Como é que você respondeu?“
- 49) Ela disse: „Não.“
- 50) O irmão dela: „Você sacudia a sua mão?“
- 51) „Sim, eu sacudi a minha mão!⁵ Eu falei pra ele: , Você vai aumentar a água.“
- 52) Aí o irmão dela disse: „Tudo bom!“
- 53) Mas antes do que ele chegou, os tios já tinham tomado remedios purgantes, esses remedios deles.

⁵ Gesto despreciativo

- 54) Quando eles vomitaram, apararam o vômito numa vasilha.
- 55) Aquela vasilha eles guardaram para ele.
- 56) De manhã cedo *Sururí pakup'i* chegou
- 57) Aí ele disse: „Bom dia, tios.“
- 58) „Bom dia, sobrinho. Entra. Senta-te!“
- 59) Aí ele falou: „Eu sei, que os tios já tomaram os remédios com a água. Por isso eu vim por aqui para tomar também.“
- 60) Por isso eles disseram: „Sim, tudo bem. 'Ta aí. Pode tomar.“
- 61) Eles entregaram os vômitos deles para ele.
- 62) Aí ele tomou. Tomou tudinho.
- 63) Aí ele estava muito cheio e esperava de provocar, mas não vomitou, só a barriga (sat.: *mut'e*, barriga cheia) dele cresceu.
- 64) Ele não estava bom.
- 65) Aí ele teve gases (sat.: *i'ok werep*) e de repente espocou a barriga dele (sat.: *i'ok pak'e*).
- 66) **Daí saiu muita água de vômitos deles.**
- 67) Nesse momento o pai dele já sabia.
- 68) Aí ele disse: „Antes de ele sair eu falei pra ele: ‚Não pode ir para a casa dos tios!‘ Mas ele não me prestou atenção.“
- 69) Aí os tios chamaram o pai dele.
- 70) Quando ele foi, chegou e viu aquela água grande.
- 71) Não foi possível para os tios espalhar a água grande.
- 72) Eles chamaram varios bichos⁶, mas esses bichos não conseguiram espalhar a água.
- 73) Mas um dia eles chamaram outro bicho, o tatú vermelho (sat.: *sahu hup*), também [chamado] *tunukaire hi~g* (l.g.).
- 74) Só esse bicho tem a força para jogar a água pra fora.
- 75) Aí eles o chamaram.
- 76) Aí ele veio do baixo da terra. Esse bicho veio do baixo da terra.
- 77) Aí ele cavou, até o fundo do lago, aí a água escorreu. Aí a água acabou.
- 78) Por causa disso resultou esse fim da água, lá, onde tem muita pedra.⁷
- 79) Assim aconteceu naquele tempo. Aí as águas já foram feito, já teve grandes águas.

⁶ Ranulfo: andorinha, tamuatá (peixe), jacundá (peixe), cobras

⁷ „fim da água“, sat.: *y'y hy aka~g*, lugar do origem da água, fonte; *akãg*, cabeça, cabeceira.

- 80) Essa água verdadeira (sat.: *sese*) veio de Deus e é bom como remédio.
- 81) Primeiro aquela água estava no Jerusalem, mas em nossa língua é „novo *nusoken*“.
- 82) Mas essa água viva (sat.: *y'y wakuat*) Deus levou desse mundo para o céu.
- 83) Aquela água vai servir como remédio, quando nós estamos doente, estamos sofrendo.
- 84) Também é bom para tomar banho e também para beber.
- 85) Agora [a água] está com Deus.
- 86) Aí o pai, chamado *Paikare pakup'i* (l.g.: *burití*) dele pulou na beira do rio, quando o rio estava correndo, e virou *burití* (sat.: *mirití*).
- 87) Aquela água já foi feito agora, aquela água, que veio de *Sururí pakup'i*.
- 88) Então *Uniwāsap'i* começou de novo fazer esses remédios, aquela *Uniwāsap'i* amassou os remédios.
- 89) Os homens gostaram muito daquela *Uniwāsap'i*.
- 90) Aí ela foi para o porto (sat.: *wā*), onde tinha muitos homens.
- 91) Naquela hora estava lá o arara (sat.: *hanun*) e japú (sat.: *sawuwa*), mas ela não viu eles.
- 92) Aí teve uma cobra pequena de nome *Uwiwi pakup'i* (l.g.).
- 93) Ele se encontrou com o japú e o arara.
- 94) Aí eles disseram para ele: „Ela não gosta de nós, a *Uniwāsap'i*. Também nem ela olhou para nós.“
- 95) „Acho, que ela não gosta de vocês. Mas ela vai gostar de mim!“ respondeu a cobra, a „cobra preguiça“ (sat.: *ariukere*, preguiça/cobra venenosa pequena), o *Uwiwi pakup'i*.
- 96) E por isso eles disseram pra ele: „Acho, que precisamente você ela vai gostar! Mas nós, nós somos bonitos. Mas ela nem olhou para nós.“
- 97) Aí a cobra respondeu: „Sim, ela me gosta!“
- 98) Aí ele foi, mas antes de sair ele passou uma planta bem cheirosa.
- 99) Aí ele foi no caminho para a beira, aí ele atravessou o caminho na altura da barriga dela.
- 100) Aí *Uniwāsap'i* pensou: „Qual flor bem cheirosa. Muito cheirosa, é bom para comer. Eu posso comer“, ela disse.
- 101) Aí ele voltou para o lugar onde os pássaros para contar pra eles.
- 102) Ele disse para eles: „Eu sei que ela me gosta, ela me quer comer!“
- 103) Aí ele voltou de novo para a beira
- 104) Aí ele atravessou de novo.

- 105) Naquela hora *Uniawāsap'i* veio também.
- 106) Aí a cobra passou de repente em cima da barriga dela.
- 107) Aí ele passou em cima de barriga e enrolou.
- 108) Aí ele transou [fez sexo] com ela.
- 109) Aí ela ficou gestante.
- 110) Por causa disso *Uniawāsap'i* ficou gestante.

M 3 Origem do Guaraná Servo Mikiles

[continuação de M 2]

- 1) Então *Uniawāsap'i* estava gestante (sat.: *ime~pyt'a*) através da brincadeira da cobra.
- 2) Quando ela estava gestante os remédios deles não ficaram mais limpos (sat.: *ikahu*).
- 3) Então os irmãos dela perguntaram: „Como foi assim, minha irmã? Primeiro não foi assim!“
- 4) Na hora quando estava amassando os remédios⁸, ela não estava limpa.
- 5) Por causa disso os irmãos já sabem.
- 6) Aí eles perguntaram: „Você não namorou com alguma pessoa?“
- 7) Aí ela respondeu: „Não, meu irmão, mas os homens me disseram: ‚Olha pra cá, olha pra cá, *Uniawāsap'i*!‘ Mas veio uma caba⁹ e posou no meu lugar [onde ela pisava]. Mas eu não namorei com ele. Mas também uma cobrazinha (l.g.: *ywi ywi pakup'i*; *ywi*, preguiça) passou em cima da minha barriga no caminho ao porto. Só isso, o que aconteceu.“
- 8) Aí eles já sabem. Que ela estava gestante.
- 9) Aí eles disseram: „Você é gestante mesmo!“

- 10) Aí eles esqueceram, que ela era a irmã deles.
- 11) Ela não mais trabalhou par os seus irmãos.
- 12) Chegou o dia do parto (sat.: *ime~pyt*) da *Uniawāsap'i* e ela deu luz (sat.: *tumewoherep*, „saída do nené“) à seu nené.
- 13) Os irmãos dela ficaram bravo com ela.
- 14) Ela morava sozinha num outro lugar.
- 15) Mas tinha uma pessoa para atender ela.
- 16) Só aquele mucura a atendia.
- 17) Ela trouxe água e comida para ela, no dia do parto.
- 18) Essa criança era muito bonita.
- 19) Ele foi homem.
- 20) Aí a mãe se apaixonou com ele.
- 21) Então ele cresceu até andou na casa.

- 22) origem do **timbó** (sat.: *uku*) foi o filho dos *Anumaria*.

⁸ sat.: *mohāg*; também drogas do pagé; p.e. „folha de onça“ (sp.?).

⁹ sat.: *~gap*, caba (em geral); *tawukure*, tipo de caba; sateré antigo: *mure mureria*

- 23) Os tios mataram *Ikuap mo pakup'i*.
- 24) Então o pai dele transformou os ossos do filho em timbó.
- 25) Aí o timbó já foi feito.
- 26) Os *murukaria* mataram ele, po que foi ele, que primeriro colocou o nome no milho (sat.: *awati*).
- 27) Então ele transformou os ossos do seu filho em timbó.
- 28) Uma vez o timbó pronto eles pensaram em matar os peixes.
- 29) Então o timbó já está pronto.
- 30) Aí eles reuniram.
- 31) Aí eles disseram: „Agora a nossa planta está pronto. Como podemos chamar essa planta?
- 32) Aí eles procuraram o nome do timbó (sat.: *uku*)
- 33) Eles não acharam bom o nome dele.¹⁰
- 34) Naquela hora estava lá o tio de timbó chamado *Ukumã hup'i* (l.g.; sat.: *iu~kan*, tucano), o nome [„tipo“] dele é *hirau*.
- 35) Ele foi chamado e ele veio.
- 36) Ele disse: „Como foi?“
- 37) „Não, nós só queremos saber de você, como chamar essa planta.“
- 38) Então o tio disse: „Vocês não conhecem o meu nome?“ e ele voltou.
- 39) Eles já conheceram o nome dele.
- 40) Então eles falaram: „Nós vamos chamar essa planta ‚*uku*‘!“
- 41) Então eles pensaram em arrancar o timbó. Aí eles arrancaram.
- 42) Aí eles pensaram: „Como vamos fazer agora?“
- 43) Aí eles fizeram um pilão.
- 44) Quando estava pronto, eles disseram: „Vamos botar na água.“
- 45) Eles mandaram o timbó, que mata os peixes até o fim do rio, até os gandes rios, qualquer peixe.
- 46) É assim, que o pai dele disse.
- 47) Ele queria acabar com todas as peixes, não queria nem um peixe na água.
- 48) Então ele disse: „Eu não quero, que nenhum mulher gestante baixe na beira na hora de botar timbó.
- 49) Era um rapaz (sat.: *kurum*), cujo mulher era gestante.
- 50) Ele [o rapaz] baixou á beira sem ser convidado.
- 51) Hoje acontece a mesma coisa, que pessoas chegam sem ser convidado.

¹⁰ Aqui falta a lista dos nomes „recusados“ (Ranulfo).

- 52) O nome desse *kurum* foi *awyato wene~ pakup'i* („onça da água“).
- 53) Ele não estava com saúde.
- 54) A mulher estava gestante e ele estava com vermes.
- 55) Foi ele, que foi pra beira antes do que o timbó chegou para o fim do rio.
- 56) O timbó ainda não tinha saído longe.
- 57) Esse rapaz, que estava doente, botou um pé dele na água.
- 58) Naquele momento o timbó parou, não pude mais matar os peixes.
- 59) Da mesma maneira ainda hoje o timbó não mata todos os peixes.
- 60) Foi a culpa da mulher gestante dele.
- 61) Por isso não morreram os peixes. Por culpa da mulher gestante.
- 62) Eles pegaram pouco peixe.
- 63) Então ele [o dono do timbó] foi rio abaixo, até ele encontrou aquele doente no rio, cujo mulher estava gestante.
- 64) Aí ele disse: „Eu falei antes. Mas porque você veio pra cá? Eu quero, que ninguém bote o seu pé no rio“, disse o pai do timbó.
- 65) Ele amaldiçoou e matou ele.
- 66) Aí ele tirou os testículos e colocou no cesto (sat. [l.g.?]: *pira eiam*, peixe / vasilha; *te hamuru pe*, sateré antigo; *poko*, mod. sat.).
- 67) Só os „caroços“ dele ele botou nele.
- 68) Também ele levou os seus poucos peixes.
- 69) Naquela hora a irmã dele estava no parto.
- 70) Naquela hora os irmãos dela trouxeram peixinhos embrulhados, também camarão embrulhada para a irmã deles.
- 71) Ela disse: „Esse peixe eu não quero. Não quero peixe embrulhado, também não quero camarão embrulhado.“
- 72) Aí ela disse: “Leva para lá! Porque está muito cheiroso!”
- 73) É por isso, que, quando uma mulher está no parto, ela não come peixe.
- 74) Aí eles voltaram.
- 75) Aí eles jogaram os peixes num pau.
- 76) Esses peixinhos no pau foram transformados no *urupé* (sat.: *more*, *urupé*; *mosap hīg*, tipo de *urupé*).
- 77) Também tem os *urupé* vermelho (sat.: *apy~e hup*; *hup*, vermelho).
- 78) Antes de sair eles falaram para ela: „Mete a mão naquele cesto, minha irmã!“
- 79) Aí ela pegou os ovos da Onça da água.

- 80) Aí ela plantou perto da casa dela.
- 81) Daqui brotou a primeira **castanha**.
- 82) Então *Uniawāsap'i* plantou e aí cresceu.
- 83) Naquela hora o filho dela já cresceu.
- 84) Aí ele andou por aí e achou um castanhal.
- 85) Lá em cima tinha muitas frutas.
- 86) Aí andou por aí o filho do cobrazinho. Ele não foi filho da gente, mas do cobrazinho.
- 87) Aí ele voltou para a mãe dele: „Quais frutas são essas, que tem lá em cima, mamãe (sat.: *a'i*)“?
- 88) „São as nossa castanhas (sateré antigo: *aiwe'ytypit*; mod.sat.: *wê'eîã*). Eu plantei no dia de teu nascimento. Atrepa e você pode apanhar!“
- 89) Aí o filho dela atrepa a primeira vez nesse castanheiro e apanhou tres castanhas.
- 90) Essas ele trouxe para a mãe dele.
- 91) Aí eles comeram.
- 92) Depois do menino chegou o irmão da mãe dele no tuco do castanheiro.
- 93) Aí ele já soube, que alguma pessoa tinha apanhado castanhas.
- 94) Aí eles contaram: „Alguns estão mexendo em nossas plantas!“
- 95) „Alguns que estão mexendo, eu acho.“
- 96) Aí eles procuraram, quem mexeu nas plantas deles.
- 97) Então eles disseram: „Por aí tem cutia. Mandemos ela, que prove as nossas castanhas, a *~ga'apy merkunia* (sateré antigo para *akuri*).“
- 98) „Mas não, mandemos ela só, quando as castanhas têm caído!“
- 99) Mandemos também a arara (*moi hup moi hup*, „cobra vermelha“, sateré antigo para arara).
- 100) „Sim. Mas não agora, porque agora as astanhas ainda são verde.“
- 101) „Por aí também tem esse periquito. Mandemos ele para cortar as flores [da castanha]. Mas não agora, mas só na época, quando tem flores.“
- 102) Aí um deles perguntou: „Mas como foi? Ele asou no fogo e as abriu com cacete.“
- 103) „E também tem por aí o filho do cobrazinho (sateré antigo: *moi wekyry tuiptyt*, cobra / filho; mod.sat.: *moi sa'yru*), ele, que fez troça de nós.“ [*ahewyryap mokosap'i*, zombar]. Eu acho, que é ele. Esperemos ele lá no tuco do castanheiro.“
- 104) Naquela hora o sobrinho deles chegou.
- 105) Aí eles disseram: „Você, nosso sobrinho!“

- 106) Aí ele [um dos tios] disse: „Pode atrepar! Você pode apanhar só tres frutas. Quando apanhou, chega!“
- 107) Aí ele subiu e apanhou tres frutas.
- 108) O tio disse: „Ta bom, meu sobrinho.“
- 109) Mas o sobrinho disse: „Espera aí, eu vou tirar mais.“
- 110) „Ta bom, pode tirar.“
- 111) Ele tirou.
- 112) Aí o tio dele disse: „Desce logo!“
- 113) Aí ele desceu.
- 114) Ele quase chegou até o chão, quando os tios flecharam ele.
- 115) Então ele gritou.
- 116) Mas o tio dele disse: „Desce logo, sobrinho! Não vai cair!“
- 117) Aí ele desceu.
- 118) Aí estiveram os tios com fibras nas mãos, para esperar o morte dele.
- 119) Para torar o corpo dele, uma vez que ele morreu.
- 120) Então ele desceu e morreu.¹¹
- 121) Aí eles cortaram com aquela fibra.
- 122) Por isso hoje em dia sentimos dor na coluna, quando somos velhos. Por causa desse corte.
- 123) Então o filho dela gritou.
- 124) Aí a mãe dele veio correndo.¹²
- 125) Aí ela ficou bravo com os seus irmãos: „Agora vocês pode comer o meu filho, que vocês mataram!“
- 126) Aí ele respondeu: „Não, a minha irmã!“
- 127) Aí eles deixaram o corpo dele e foram embora.
- 128) Aí só a mãe dele ficou sozinha com o corpo dele.
- 129) Ela falou para o corpo dele: „Você já ta morto, o meu filho, mas um dia você vai viver denovo!“
- 130) Aí ela tirou os olhos dele.

¹¹ Os pássaros tomaram banho no sangue do menino: origem da plumagem colorida; primeiro veio Arara, numa folha ele levou sangue, para mostra-la à sua mãe: por causa disso ele tem penas vermelhas (Ranulfo).

¹² Variante (Ran.): No momento o menino é tocado pelas flechas, ele grita. A mamãe vem correndo, tira a flecha da mão do tio. Ele tira a flecha dela de novo e lhe da uma varinha no lugar da flecha. Por causa disso hoje em dia as mulheres nao mais usam flecha, mas a varinha para pegar saúva (sat.: *we~gki'a pok hap*, saúva / meter / para).

- 131) „Você já ta morto, mas um dia você vai ficar aquí no mundo para organizar qualquer trabalho!”¹³
- 132) Você vai ficar como líder (sat.: *morekuat*).
- 133) Todos os teus descendentes sempre vai se reunir para você.
- 134) Você vai se responsabilizar para os teus descendentes, quando começam o trabalho deles.
- 135) Para fazer as casas, as roças, limpar o terreno, para qualquer trabalho.
- 136) Também, quando as lideranças se reunirem.“
- 137) É assim que ela falou.
- 138) Aí ela plantou os olhos dele.
- 139) Aquele chama- se de **guaraná**.
- 140) Ela disse: „Você vai ficar para sempre, meu filho. Por causa de você as lideranças vão ficar satisfeito. Também o povo vai ficar satisfeito.“
- 141) Por causa disso todo mundo gosta de guaraná para fazer o seu trabalho.
- 142) Para fazer casa, para limpar terreno, depois de comer a gente precisa de guaraná, antes de trabalho precisa guaraná, na hora de trabalho é distribuido para o pessoal.
- 143) Nós o tomamos para fazer festa, como ela primeiro tem dito para o seu filho.
- 144) É por causa disso guaraná vai ficar por aquí.
- 145) A guaraná é a força dos índios.
- 146) É assim, que a mãe falou para guaraná.
- 147) Dai começou guaraná.
- 148) Através do primeiro castanhal *Uniawāsap'i* plantou os olhos dele, quem é guaraná.
- 149) Aquele guaraná ficou para nós, também para as lideranças e para todos.
- 150) Esse bém ficou até hoje.
- 151) É assim, que eles contaram sobre aquele guaraná.
- 152) Então *Uniawāsap'i* colocou e fechou o corpo do seu filho, o qual os tios dele tinham cortado.
- 153) Esse corpo ela tentou transformar em gente.

¹³ „mi'i hawyi ti / e'auka / ra'aiê / wen / ma'ato ti aru / en / wyti aru / mesuwat / yi / tote /
então / morto / já / viver / mas / você / mas / aquí / mundo / no /
wuat'i / ypy / wo / erepyhu'at /
qualquer / trabalho / para / você vai ficar /

- 154) Ela fechou e disse: „Daquí você vai te transformar. E você vai se reviver de novo!“
- 155) Aí ela mandou o caraxué (sateré antigo: *hĩg uato*, sat. mod.: *hirut*) para vigiar.
- 156) Aí ela disse: „Quando ele vai reviver, você tem que me avisar!“
- 157) Assim *Uniawāsap'i* falou para o caraxué.
- 158) Aí o caraxué cantou: „Os seus filhos já nasceram, *Uniawāsap'i*. Tão falando já! Venha pra cá!“
- 159) É assim, que você deve me avisar!“
- 160) Assim o caraxué falou pra ela, mas ele falou na sua própria língua
- 161) A voz (sateré antigo: *he'akuara*, „buzina“) cantou [*piru piru*; voz do pássaro]: „Os seus filhos já são nascidos!“
- 162) Assim o caraxué cantou de manhã cedo para *Uniawāsap'i*: „Os seus filhos já foram nascidos. Os seus filhos são alegre já.“
- 163) É assim em nossa linguagem de hoje, mas na linguagem antiga é assim.¹⁴
- 164) É aí *Uniawāsap'i* foi embora para lá.
- 165) Ele levou uma pedra (sateré antigo: *wirisú*) para fazer os dentes deles.
- 166) Aí ela se sentou e deixou a pedra no coxo [colo] dela.
- 167) Nesse momento eles já estão alegre como gente.
- 168) Aí ela tirou a tampa e saiu só porco queixada.
- 169) Aí os porcos levaram, o que deveria ser os nossos dentes.
- 170) Esses são os porcos queixada.
- 171) Então ela os amaldiçoou: „Eu queria que saísse gente, porque vocês saíram? Daquí pra diante vocês serão comida de gente, quando vocês voltarem por aquí.“
- 172) Por causa disso as vezes os porcos entram na casa [terreno?] da gente.
- 173) As vezes a gente mata os porcos.
- 174) Assim dizem os velhos antigos
- 175) Aí ela fechou de novo.
- 176) Aí na proxima manhã o caraxué cantou na mesma hora e chamou a mãe dele.
- 177) Aí ela foi de novo.
- 178) Nesse momento saíram os *kuata* [macaco], esses *kuata* muito grande.
- 179) Então ela disse: „Porque vocês fizeram assim? Eu queria gente próprio, é assim, que eu falei. Mas o jeito de vocês é assim. Então vocês vão abaixo, lá pra fora!“
- 180) Por causa disso os *kuata* ficaram lá pra fora.
- 181) Então ela fechou de novo.

¹⁴ se refere á palavra antiga *he'akuara*.

- 182) Na proxima manhã o caraxué cantou de novo e chamou ela, mas ela não foi mais.
- 183) Mas ele chamou todos os dias.
- 184) Aí ela foi de novo e abriu.
- 185) Aí ela abriu e olhou para dentro e viu um casal de crianças pequenininhas, um homem e uma mulher.
- 186) Aí ela os pegou.
- 187) As crianças foram muito barrigudas.
- 188) Aí *Uniawāsap'i* as pegou e criou.
- 189) Ela os criou bem fechado [no vasilhame].
- 190) Mas tem remedio (sat.: mohãg) para ficar gordo e crescer grande.
- 191) Com esse remedio lhes deu banho [lavou] cada dia para ficar gordo.
- 192) Aí ela disse: „Ninguem deve olhar para eles.“
- 193) No começo ela queria que todos são iguais.
- 194) Mas esses gafanhotos e sapos olharam.
- 195) Por causa disso hoje não somos iguais.
- 196) Então eles já iam crescendo, eles tiveram a mesma altura.
- 197) Através deles a gente hoje em dia existe.
- 198) Assim *Uniawāsap'i* criou o filho da cobra, aquele que foi cortado e cujo corpo apodreceu, através dele nós existimos.
- 199) Por isso o nosso corpo ficou cheirando.
- 200) E assim falaram os velhos antigos.
- 201) Através disso nós somos seres humanos (sat.: *miit'iin*).
- 202) Mas ela nós amaldiçoou e por causa disso nós não somos iguais.
- 203) Eles [gafanhoto e sapo] nós amaldiçoaram, porque eles não são iguais entre si.
- 204) Tem varios tipos de gafanhotos, foram eles, que olharam.
- 205) É assim que ficou a historia do origem do *puratĩg*.
- 206) Aquí termina, o que eu sei.

M 4 Sobre Nusoken Servo Mikiles

- 1) Assim foi antes que veio o *puratĩg*.
- 2) Também tem o origem do mundo.
- 3) Também tem o origem da casa.
- 4) A origem da casa é **nusoken**.
- 5) Essa casa do *nusoken* é feito de pedra (sat.: *nu*).
- 6) A origem do todo o mundo estava lá.
- 7) Lá tem muitos quartos separados.
- 8) Varios teçume (sat.: *pi'ĩg e hap*) foi feito de pedra, como telhado (sat.: *mare*; telha, tecida de caraná).
- 9) Telhado, mas foi feito de pedra.
- 10) Os paus também feito de pedra.
- 11) Por causa disso os Sateré dizem „*nusoken*“.
- 12) Também tem muitas plantas [plantas cultivadas; jardim] lá.
- 13) Essas [plantas] são o origem delas de hoje.
- 14) Também lá tem o origem dos animais: morcego, aranha, barata, mosca, que come gente (sateré antigo: *win pot'u*, mosca / canibal; mod.sat.: *wo'ouhat*).
- 15) Também naquele tempo não tinha noite para dormir.
- 16) Mas um dia os nossos avôs, os *Wasiris* viviam.
- 17) Também na época teve o origem dos brancos e líderes.
- 18) Mas o nosso [líder] foi **Wasiri**, mas o nome do líder dos brancos foi „**Imperador**“.
- 19) Quando eles saíram do *nusoken*, eles levaram todas as coisa originais.
- 20) Mas na mão dos índios ficou só a casa.
- 21) Mas os brancos levaram tudo, materiais para construção, todas as fábricas houve lá, fábricas de roupa, todas as fábricas teve lá.
- 22) Aquelas o Imperador levou, quando ele saiu.
- 23) Então naquele tempo não tinha noite, a gente não pude dormir, nem descansar.
- 24) Então na mão dos Sateré ficou só a „fábrica“ da casa.
- 25) Todas as matas e madeiras ficaram na mão dos sateré.
- 26) Para construir casa tinha barro (sat.: *yi*, barro, terra), a caraná (sat.: *mare*) também ficou na mão dos Sateré, pra fazer casa deles.
- 27) Uma metade ficou para os Sateré, a outra para os brancos.
- 28) Todas as fábricas ficaram na mão do Imperador.

- 29) Mas o mato, para fazer as coisas, ficou na mão do *Wasiri*.
- 30) Um dia o Imperador disse: „Aqui nos não podemos ficar mais. Não dá para dormir.“
- 31) Aqui tem moscas, morcego, que chupa sangue (sat.: *aihep hep*), as moscas, que nós mordem, a barata, que nós come.
- 32) Por isso nós não podemos dormi aqui.
- 33) Aí o Imperador disse: „Vamos! Vamos levar a nossa bagagem. Então nós vamos ir embora por aí!“
- 34) Também ele falu para as nações do *Wasiri*.
- 35) Ele mandou o pessoal para a sua frente: „Depois eu vou seguir.“
- 36) Aí eles foram á frente.
- 37) Ele mandou todos os seus servos na frente.
- 38) Primeiro só os índios foram servos do Imperador, todos os *Wasiris*.
- 39) Ele mandou só as nações do *Wasiri*, o povo do *Anumare hit*.
- 40) Aí eles foram embora, mas pararam no meio da viagem.
- 41) Aí eles repararam todas as frutas.
- 42) Porque tinha muitas frutas: assaí, patawa, burití, todas as frutas.
- 43) Por causa dessas frutas ficaram parado.
- 44) Porque acharam muitas, muitas inajá.
- 45) No lugar, onde teve muita inajá, eles fizeram as suas casas (sat.: *te'ero'okipy*, acampamento, tapirí).
- 46) Eles ficaram lá muitos dias, até acabaram as frutas.
- 47) Aí eles continuaram a viagem.
- 48) Aí eles acharam outras frutas, frutas de patawá.
- 49) Lá também eles demoraram muitos dias, bem um ano, até acabar essas frutas.
- 50) Aí o Imperador já foi atrás deles.
- 51) Ele levou muitas coisas (sat.: *ahyt*), ele levou a sua bagagem.
- 52) Aí ele disse para eles: „Eu falei para vocês: ‚Vão para a frente‘. Mas vocês não foram, por causa das frutas de patawá.“
- 53) Eles comeram muito todos os dias.
- 54) Aí o Imperador chegou no primeiro tapirí deles, depis ele encontrou o pessoal mesmo, onde eles tinham feito mais um tapirí.
- 55) E assim é o começo.
- 56) Aí o Imperador encontrou o pessoal.

- 57) Aí ele disse: „Vocês estão por aqui? Eu falei para vocês ,Vão para a frente, mas vocês estão parado por aqui. Eu pensei, que vocês já chegaram, onde os barcos param. Pensei, que vocês já tinham feito o seu tapirí lá. Mas não, eu acho, que vocês não querem ir.“
- 58) Aqueles acampamentos deles no mato, no meio das madeiras, ficaram até hoje na mão dos Sateré.
- 59) É assim o começo de todas as comunidades (sat.: *tawa* [sing.])
- 60) E por causa disso hoje em dia tem as comunidades dos Sateré em varios lugares.
- 61) Então o Imperador disse para eles: „Se vocês não querem ir, podem ficar aqui. Porque vocês não podem deixar essas matas e a vossa terra. Não podem deixar a variedade de plantas. Então vocês vão ficar com elas [plantas].“
- 62) Então o Imperador foi sozinho para onde os barcos param.
- 63) Na sua viagem ele levou uma rã branca (sat.: *wa'asa ikytsĩg*, rã / branca) de nome „*mãka'i*“.
- 64) Só esse ele levou e botou no seu barco como o seu servo.
- 65) Aí ele botou outro sapo preto (sat.: *hu~n*) para ser cozinheiro dele.
- 66) Por causa disso hoje tem os homens negros (sat.: *tapaiûn'a*).
- 67) Ele levou essa pessoa preta para ser cozinheiro (sat.: *mi'u nu~g*).
- 68) Mas esses sapos brancos (sat.: *mãka'i*) viraram os homens brancos de hoje.
- 69) Aí ele dividiu as pessoas em varios profissões.
- 70) Toda a bagagem deles ele levou.
- 71) Quando ele chegou na beira do porto, ele escolheu uma pessoa para cada profissão: teve cozinheiro e demais profissões.
- 72) Também teve uma pessoa para fazer canoa (sat.: *yara*).
- 73) Lá foi, onde ele fez barcos grandes.
- 74) Trabalhou muitos dias.
- 75) Lá ele tava esperando, se viesse uma outra pessoa.
- 76) Mas nem uma pessoa chegou lá.
- 77) Mas naquela hora o barquinho dele já foi pronto.
- 78) Nele ele botou a sua bagagem, ele botou tudinho.
- 79) Aí o Imperador saiu.
- 80) Então ele deixou o povo Sateré do nusoken no meio da viagem.
- 81) Aqueles que somos nós agora.
- 82) Aqueles que eram os nações do *Wasiri*, as nações de Deus *Anumare hit*.

- 83) Mas aquele pessoal do Imperador já baixou.
- 84) O Imperador ficou líder para fora, um grande liderança.
- 85) Os bisnetos dele ficaram liderança até hoje.
- 86) O nome deles é „Inspetoria“, mas depois disso o nome foi SPI, depois disso a FUNAI ficou líder (sat.: *morekuat*).
- 87) Aquele pessoal do *Wasiri* somos nós, os tuxauas, aqui no mato, os filhos do *Wasiri*.
- 88) O nosso trabalho veio através do *Wasiri*.
- 89) Então todas essas coisas tem o seu origem no *nusoken*.
- 90) Mas agora o Imperador há dividido [os homens] em vários nações (sat.: *ywãnia koi kat'e kat'e*).
- 91) O líder Imperador distribuiu as pessoas e as coisas.
- 92) Mas o pessoal do *Wasiri* somos nós índios por aí.
- 93) Aí eles deixaram *nusoken*, também *Wasiri* saiu.
- 94) Agora ele mora nesse mato, no meio das palmeiras.
- 95) Ele saiu por culpa do Imperador do *nusoken*.
- 96) Aí ele fundou uma comunidade como a nossa aqui.
- 97) Aí *nusoken* ficou na mão de Deus.
- 98) Então hoje em dia *nusoken* fica escondido aqui na nossa terra.
- 99) Mas lá é igual como aqui nas comunidades.
- 100) Todas as nossa comunidades tem o origem no *nusoken*, comunidades e varias plantas, o mato muito bonito, água muito limpa, os peixes e caza.
- 101) Cada nação tem a própria terra, cada tribu.
- 102) Mas hoje em dia os brancos moram junto com os índios.
- 103) Então o Imperador disse a *Wasiri*: „Eu já vou. Mas um dia eu vou voltar de novo, quando todas as coisas são pronto. Eu vou trazer enxada nova, machado novo, terçado novo, varias materiais, quando está pronto.
- 104) Naquela hora o trabalho de vocês também será pronto e eu vou trazer as coisas pra vocês.“
- 105) Aí ele mandou as coisas para eles, como ele disse antes.
- 106) Aí o Imperador mandou as roupas para o pessoal do *Wasiri*, os Sateré não tinha roupa.
- 107) Também não tinha fogo, varias coisas, que não tinha.
- 108) Mas quando tudo estava pronto, o líder mandou.

- 109) Por causa disso os Sateré são igual deles hoje em dia.
- 110) Eles já usam varias materiais para trabalhar: faca, machado, enchada.
- 111) Eles plantaram, sabem fazer roça, sabem fazer as casas deles.
- 112) Também eles usam roupa e sabão.
- 113) Também eles têm luz (sat.: *ariãty*), eles comeram com sal (sat.: *ukyt*), como ele prometeu antes.
- 114) Por causa disso hoje em dia não tem mais inimigos (sat.: *wānikap*).
- 115) Todos ficaram agora os nossos amigos (sat.: *uiwy*, amigo).
- 116) Todas as nações têm a sua própria língua.
- 117) Todos os nossos amigos também têm a origem no *nusoken*.
- 118) Imperador nós trouxe, aqueles líderes vieram do *nusoken*.
- 119) Todas as fábricas têm a sua origem no *nusoken*.
- 120) Então *ase'i Wasiri* ficou aqui no mato.
- 121) Ele ficou junto com o *puratĩg*.
- 122) Mas o papel (sat.: *popera*) ficou com o Imperador, o qual ele levou.
- 123) Aquele *puratĩg* é igual (sat.: *ehay te*) do papel.
- 124) Então o *Wasiri* trabalhou (sat.: *ipotpap*) por aqui.
- 125) Ele ajudou muito aos seus servos.
- 126) Agora [hoje] *Wasiri* tem substituto, mas até agora não apareceu.
- 127) Aí o *puratĩg* ficou na mão dos servos dele [*Wasiri*].
- 128) Aí uma vez, que tudo foi preparado, eles fizeram as comunidades igual (sat.: *iã'akap*) à *nusoken*.
- 129) Aí *Wasiri* fez uma reunião para conversar com os povos (sat.: *temiit'in*) dele.
- 130) Aí ele contou as palavras do *puratĩg*, como podemos usar essa mensagem do *puratĩg* para nós criar [= crescer, aumentar], para fazer as várias coisas.
- 131) Aquilo, o que ele contou, foram as palavras do *puratĩg*.
- 132) *Wasiri* falou para o seu povo.
- 133) Assim o *Wasiri* falou para o seu povo.
- 134) Ele leio a letra (sat.: *iwan*) do *puratĩg*, para que nós possamos começar trabalhar: fazer roças (sat.: *~go*) e casas: „Esses trabalhos nós vamos fazer!“

- 135) Ele continuou ler o *puratĩg*: „Agora vivamos em amor (sat.: *wo'oky'e*) para fazer as várias coisas.“
- 136) Assim ele nós mandou conviver em amor.
- 137) Ele leio só um lado do *puratĩg*, o outro lado ele não virou.
- 138) Ele leio só um lado, porque o outro lado contêm a palavra do diabo (sat.: *ahiãg*).
- 139) No outro lado só conta de briga e guerra.
- 140) Nesse lado a palavra não foi boa, só calunia.
- 141) Mas essas palavras boas só ficam no outro lado.
- 142) Ele leio o lado bom e nunca virou o outro lado mal, até terminar.
- 143) Naquele tempo antigo (sat.: *nimo*) o *Wasiri* foi o primeiro, que usou o *puratĩg*.
- 144) Primeiro esse *puratĩg* estava no *nusoken*, de lá, que ele vem.
- 145) O que o Imperador contou para o seu povo do livro (sat.: *popera*), foi a mesma coisa [como no *puratĩg g*].
- 146) Ele contou as mesmas coisas boas daquele papel, para que eles fizerem.
- 147) É assim, que o *puratĩg* ficou até hoje.
- 148) Ele ficou na mão dos Sateré, essa coisa do origem.
- 149) Eu sei, que o *puratĩg* ficou na mão dos velhos antigos (sat.: *nimo nagnia*), na mão do tuxaua.
- 150) Antigamente (sat.: *nimo*) ficou na mão do *Hikatu* [Ricardo], tuxaua geral (sat.: *tu'isa koro*).
- 151) Mas ele não soube ler o escrito do *purati~g*.
- 152) Como *Wasiri* ficou escondido, o *purati~g* ficou no *nusoken* na mão do ninguém.
- 153) Mas teve uma pessoa, que foi buscar.
- 154) Mas nós [humanos] não podíamos entrar na casa dele [= casa do *Wasiri*, *nusoken*], porque é muito perigoso.
- 155) Mas fois uma pessoa, que entrou e achou e pegou o *puratĩg*.
- 156) Aí essa pessoa ficou com o *puratĩg*.
- 157) Então na época o tuxaua geral foi o *Hikatu* e teve também capitão geral, mas o verdadeiro tuxaua geral foi *Antoniku*, que foi *sateré*.
- 158) Mas o *puratĩg* não ficou na mão do *Antoniku*, mas no mão do *Hikatu*.
- 159) O *puratĩg* ficou na mão desse „tuxauazinho“ (sat.: *tu'isa hit*) da Terra Preta.
- 160) Lá demorou até *Hikatu* morreu.
- 161) O *puratĩg* ficou como tuxaua na mão do *ase'i Tunatu* [Donato].

- 162) Por isso aquele coisa boa (sat.: *wakuat*) ficou na mão dele.
- 163) Mas um dia ele morreu e o *purati~g* ficou na mão de ninguém.
- 164) Então ele tava na igreja (sat.: *Tupana motypot yat*, T. / adorar / casa).
- 165) Ninguém pude tirar de lá.
- 166) Mas um dia o filho do *Tunatu* o tirou da igreja e o trouxe até Vila Nova.
- 167) Daqui eles o levaram para baixo.
- 168) Agora o *puratĩg* ficou em cima da Ponta Alegre na comunidade Castanhal.
- 169) Assim é a história do *puratĩg*.
- 170) Por causa disso os Sateré ficaram com os tuxauas.
- 171) Mas o *puratĩg* não teria devido sair da Terra Preta.
- 172) Quando uma pessoa ficou tuxaua [da Terra Preta], o *puratĩg* ficou na mão dele.
- 173) Quando de novo ele morreu, ficou com o substituto dele.
- 174) Até hoje a comunidade Terra Preta existe lá.
- 175) Os tuxauas dos tempos antigos (sat.: *nagnia*) morreram, mas ainda tem um tuxaua lá.
- 176) Aquela Terra Preta é a comunidade do *puratĩg*.
- 177) Assim é a história do *puratĩg*.
- 178) Então esses matos são no poder dos índios.
- 179) *Nusoken* ficou aqui e também o *puratĩg*.
- 180) Todo o poder (sat.: *esaika*) das lideranças veio do *puratĩg*, da mesma maneira o poder dos Sateré.
- 181) O poder deles veio do *puratĩg*.
- 182) Esse é o conselho (sat.: *we'eg hap*), que Deus deu para nós, só é único [conselho].

M 5 Como usar as Tucandira Servo Mikiles

- 1) Primeiro eles vão procurar formiga, lacral, aranha, *saruku'a* [tipo formiga].
- 2) Eles tentando [esses bichos], mas não acharam bom.
- 3) Até esses cobra pequeno tentando, mas não acharam bom.
- 4) Um dia eles acharam o tucandira.
- 5) Naquela hora, que o tatú [tatú bola] chegou próximo delas, aquele tatú, que é dono da tucandeira, aquele, que é tatú bola.
- 6) Naquela hora, que o tatú chegou, o pessoal tava dançando (= metendo a mão, sat.: *i'atuwepii wepii*).
- 7) Quando o tatú chegou, beberam muita tarubá (sat.: *te'eremahy'u*) de manicuera.
- 8) Na hora que eles tavam dançando [= metendo a mão] e tomando tarubá, o tatú chegou e viu o pessoal, como tavam dançando, aí ele perguntou: „Porque é, que vocês fazem assim?“
- 9) Eles responderam, que não acharam bom a tucandeira.
- 10) „Mas se vocês me dessem comida par mim comer, eu vou mostrar a tucandeira verdadeira pra vocês, aquele, que [mora] em baixo da terra, aquele eu vou trazer!“
- 11) „Então ta bom!“
- 12) Então eles deram comida e tarubá pra ele.
- 13) „Então vocês pode esperar daqui até sexta feira. Naquele dia eu vou trazer bem preparado [a tucandeira].“
- 14) Essa mesma coisa o tatú trouxe para eles.
- 15) Aí começou dançar e meter a mão [na luva da tucandeira].
- 16) Naquele dia ele chegou de manhã cedo, ele trouxe essa luva bem enfeitado junto com a tucandeira.
- 17) Aí ele entregou e ele fez jirau.
- 18) Aí ele colocou em cima do jirau as luvas, lá dentro susurrou muito tucandeira.
- 19) Aí ele meteu a mão dentro da luva.
- 20) Mas aí o tatú disse: „Essas tucandeira é muito importante. Ele da saúde, mas doe muito, sete até oito horas, esse dor para tudinho!“
- 21) Aí ele [= um deles, do pessoal] meteu a mão a primeira vez e perguntou: „Quantas horas tu disse vai demorar aquele dor?“
- 22) Eles perguntaram muitas vezes: „Quantas horas, que tu disse, vai demorar esse dor?“

- 23) Eles perguntaram: „Quantas horas vai demorar esse dor? Como tu disse?“
- 24) „Esse mesmo horário [ponta ao sol]!“
- 25) Mais tarde ele gritou: „Quantas horas, tu disse, vai passar esse dor?“
- 26) Então ele disse: „Vai passa à meio dia.“
- 27) Então de novo ele perguntou: „Quantas horas tu disse?“
- 28) Aí o tatú aumentou mais o horário: „24 horas, de 7 horas até 6 horas. Mas, se você mete a mão às 4 horas da tarde e passou à manhã às 4 horas de madrugada, passou tudinho o dor.“
- 29) Então ele preparou tudinho e ele deixou o horário de dor [24].
- 30) Aí, que ele já entregou para os índios, porque eles precisaram.
- 31) Mas ele trouxe [a tucandeira] para os irmãos dele, para que eles possam meter a mão.

- 32) Aí ele veio, aí ele colocou a mão do seu irmão.
- 33) Aí ele cantou.
- 34) Por isso, que os índios querem também, porque era bonito: „Então nós queremos também!“
- 35) Aí eles tentaram.
- 36) Aí eles acharam muito doloroso.
- 37) O tatú disse: „Vai passar de manhã cedo, às 3 horas de madrugada vai passar o dor.“
- 38) Aí eles tentaram, aí eles acharam bom.
- 39) Aí muitas pessoas usaram aquela tucandeira.
- 40) E assim a tucandeira vai ficar.
- 41) Até que eles mostraram para os Sateré
- 42) Mas não é para os Sateré, mas [como uma vez] ele mostrou para os índios, por isso os índios quiseram também.
- 43) Agora a tucandeira vai ficar na mão dos índios.
- 44) Aquele que mete a mão na tucandeira vai ficar com os índios.

- 45) „Mas você não pode comer caza com sangue.“
- 46) Mas quando você come aquele carne com sangue, quando você mete a mão, vai aumentar o dor.
- 47) Também não come peixe, não come pimenta“, o tatú disse para eles.
- 48) „Quando você mete a mão na tucandeira, não pode namorar com as mulheres.“
- 49) Quando termina aquele meter-a-mão, você tem que fazer purgante (sat.: *ere'ymye~ke*).

- 50) Para que as formigas saiem do corpo.
- 51) Mas se não, vai ficar doente: verme vai te atacar“, é assim, que os velhos disseram.
- 52) É assim que eles usam nesse tempo, até hoje.
- 53) Aí os velhos fizerin jejum (sat.: *ta'atumosy'at*)
- 54) „Muito bom. „Você pode meter a mão 20 vezes, cada dia [uma vez].“
- 55) Então eles tão saindo da casa, aí eles manda para tomar banho.
- 56) Primeiro eles não saiem da casa (sat.: *ta'atu'yat*), antes de completar 20 vezes, mas eles tomam banho na casa deles.
- 57) Mas se ele completou 20 vezes, ele pode ir para a beira.
- 58) É assim, com os velhos fizeram.
- 59) Esse aqui é o nosso remedio, aquele, que nós deu saúde.
- 60) Quando nós éramos menino, metemos a mão, aí nós crescemos rápido.
- 61) Deu saúde, deu força, nós ficamos gordo.
- 62) Naquele dia os remedios do branco não tinha.
- 63) É por isso, que o nosso remedio era a tucandeira.
- 64) Portanto os velhos antigamente tinham muito respeito da tucandeira.
- 65) Fizeram grandes festas bonitas, etsavam com saúde.
- 66) É assim, que era antigamente.
- 67) Eles vão ficar muito velhice aqui no mundo, todas as nações Sateré.
- 68) Quando eu era menino, eu meti a mão 20 vezes.
- 69) Porque eu completei 20 vezes, eu cresci rápido.
- 70) É assim que é a passagem (sat.: *rakat*) da minha vida.
- 71) As vezes, quando usamos „meter-a-mão“, nós vamos para outra comunidade para dançar a tucandeira.
- 72) Mas as vezes a gente só usa a mão esquerda.
- 73) Mas um dia o outro lado também.
- 74) Primeiro a gente coloca a esquerda depois de completar 20 dias.
- 75) Depois a metade [desse prazo de 20 dias] a gente acha muita caza.
- 76) Nunca a gente erra caza, nós flechamos caza: veado, porco, nós já sabemos flechar.
- 77) É para isso, os velhos fizeram antigamente.
- 78) Depois veio outra cultura (sat.: *seko*).

- 79) Primeiro os velhos morreram, só os novos fizeram aquele tucandeira.
- 80) Mas é diferente do que como os velhos fizeram.
- 81) Não tinha respeito, nem bonito.
- 82) Eles usam junto com a cachaça (sat.: *mahy*) dos brancos.
- 83) Mas agora nós não guardamos jejum [resguarda] (sat.: *uruimosy'at*), para conseguir as coisas boas (sat.: *wakuat*).
- 84) Nós não tomamos cachaça, nós não fumamos cigarro.
- 85) Nós estamos aqui, o nosso caminho é único.
- 86) Mas agora a nossa tucandeira é só Jesus, que veio por aqui.
- 87) Nós louvamos só Deus (sat.: *Tupana*).
- 88) E assim os Sateré deixaram o seu costume (sat.: *ta'atueko ko'i*).
- 89) Aí eles já escolheram um tuxaua e ele pediu remedio igual ele do tucandeira, porque quando uma pessoa é com febre, ele mete a mão.
- 90) Então, o que os velhos contaram sobre o *purati~g* é verdade, mas nós o já deixamos.
- 91) Mas agora o nosso *puratĩg* é Jesus.
- 92) O nosso *puratĩg* vai ficar.
- 93) Hoje nós não entendemos tudo da cultura (sat.: *eko*) dos velhos, ninguem mais sabe fazer.
- 94) Nós não respeitamos o pajé (sat.: *painĩ*), nem a cultura dos velhos.
- 95) Mas aqui tinha muitos pajés.
- 96) Mas nós somos crentes (sat.: *iesui mohey haria*), nós não podemos usar pajé.
- 97) Nós queremos só remedios.
- 98) As vezes quando a gente morre, nós pedimos à Deus.
- 99) Mas se for pajé, quando uma pessoa morre, ele acusa outra pessoa.
- 100) Mas ele é mentindo!
- 101) „Ele matou o seu filho, sua esposa. Porque você não pagou bem para ele“, disse o pajé.
- 102) Então o pajé é enganador.
- 103) Isso é que os velhos antigos contaram para nós.
- 104) Naquele momento chegou Jesus.
- 105) Primeiro aqui só houve a lei dos velhos, mas não existia a palavra de Deus.
- 106) Mas hoje em dia Tupana vigia nós.
- 107) Antigamente não tinha trabalho, por aqui só capoeira, mata, tudo por aqui.
- 108) É assim o começo de Vila Nova (sat.: *Tawa pakup*).

- 109) Então nós estamos aqui e estudamos.
- 110) Naquele tempo não tinha muito gente aqui.
- 111) Naquele tempo Antôniozinho tava aqui, mas fora dele ninguém.
- 112) Só teve a casa do Deuclídio e Laurinho, e o Mandoquinho Bota [foi] o pai deles.
- 113) Mas eles morreram tudo.
- 114) Depois que morreram tudo, não aumentou a gente.
- 115) Aí eu sou sozinho no meu acampamento, por isso as pessoas vieram para me acompanhar.

M 6

Origem do Mundo

Servu Mikiles

- 1) Então na época mis avós me ensinaram sobre o origem do mundo.
- 2) Antigamente não tinha terra.
- 3) Naquele tempo tinha muitos passarinhos: andorinha (sat.: *mokia*), *waipe'i* (tipo urubú).
- 4) Mas na linguagem dos velhos *māntuperaria*.
- 5) Naquele tempo não tinha terra e mato.
- 6) Naquele tempo os pássaros nunca puderam para [pousar].
- 7) Por isso eles andaram sempre, nunca eles pararam.
- 8) Naquele tempo não tinha terra e mato, por isso eles nunca pararam.
- 9) Um dia eles fizeram terra, uma terra muito pequena, como uma mesa.
- 10) Lá eles tavam ajuntado, os animais.
- 11) Aí eles começaram brigar entre si por causa da terra pequena.
- 12) Uma pessoa chamado sapo tava bravo com os outros.
- 13) Por isso a onça pulou em cima do sapo.
- 14) Mas ele ficou ainda mais bravo.
- 15) Aí a onça mordeu nos braços dele.
- 16) Por isso os braços quebraram. Porque a onça o mordeu.
- 17) Naquele lugarzinho não caberam todos os animais, porque tinha demais.
- 18) Por causa disso eles não puderam entrar tudo naquele terreno.
- 19) Aí eles pensaram: „Vamos aumentar a nossa terra!“
- 20) Através das palavras boas (sat.: *sehay wakuat*) *Anumare pot*, um dos velhos, começou com a primeira terra.
- 21) Eles transformaram (sat.: *ta'atumoko'i*) as suas irmãs (sat: *haryporia ta'atuinyt*) para aumentar a terra.
- 22) Eles mataram duas irmãs para aumentar terra, o nome da primeira irmã é *Uniāmākaru'i*, da outra *Uniāmoire'i*.
- 23) Os velhos falaram sobre elas para aumentar a terra: „Eu acho que é bom transformar elas.“
- 24) Então no sonho (sat.: *i'atumu'e tu*) ela já sabia.
- 25) Então ela disse para a sua irmã: „Eu achei o meu sonho muito mal. Eu sei, que os nossos irmãos pretendem nós transformar em terra.“
- 26) É assim que ela contou o sonho dela.
- 27) Aí ela conversou com a sua irmã: „Eu sei que eles nós vão transformar. Mas ta bom.
- 28) Mas um dia nós vamos ajuntar os nosso netos dentro de nós.“

- 29) É assim que eles falaram, porque um dia nós morremos e o nosso corpo vai ser enterrado.
- 30) Aí ela falou de novo: „É assim, que nós vamos ficar, mas um dia os nossos amigos vão ficar em nossa mão. Todos os nossos netos vão ficar junto com nós.“
- 31) Então elas ficaram doente e morreram.
- 32) Aí elas já se transformaram em terra.
- 33) Aí a terra ficou muito grande.
- 34) Mas no início a terra foi pequena como uma mesa.
- 35) Mas um dia a terra ficou muito grande.
- 36) Aí eles apresentaram a terra para os seus amigos.
- 37) Então várias coisas espalharam.
- 38) Mas primeiro eles mandaram um passarinho (sat.: *pon'a*).
- 39) Depois eles mandaram o inambú (sat.: *urit'i pot poi*).
- 40) Mas aquele *pon'a*, que eles mandaram para conhecer a terra, para conhecer, se era bonita.
- 41) Aí ele andou muito.
- 42) Aí ele disse: „Ainda não foi boa“.
- 43) E por isso o passarinho disse: „Ton, ton, ton“, „muitas vales“ (sat.: *itonton*).
- 44) Aí ele voltou para endireitar a terra.
- 45) Aí ele virou a terra como nós, quando fizemos piso em nossa casa.
- 46) Quando ele terminou endireitar, aí eles mandaram o inambú para conhecer, se a terra fica grande o não.
- 47) Naquela hora ele achou muito grande.
- 48) Aí ele voltou.
- 49) Ele andou muitos dias.
- 50) „Eu achei muito grande“, o inambú disse, „por isso mis pés são muito cansados.“
- 51) Por isso a fala do inambú é „*pot poi poi*“, e assim o inambú falou.
- 52) Aí a terra foi feita e era bonita.
- 53) Então eles disseram: „Agora já tá pronto!“
- 54) Aí a terra ficou muito grande.
- 55) Mas a primeira terra Deus levou para o céu, aquela terra chama se de Jerusalem (sat.: *Ierusare~i*).
- 56) A primeira terra foi embora, a primeira água foi também.
- 57) Naquele tempo a água ficou muito pequeno também.
- 58) Então a primeira terra ficou lá no céu.

- 59) É assim que os velhos dizem.
- 60) Essa terra foi transformada do corpo das irmãs.
- 61) Por isso a terra ficou muito grande através da *Uniãmoire'i* e *Uniãmākaru'i*.
- 62) E por isso eles chamaram essa terra „corpo da *Uniãmākaru'i*“ e „corpo da *Uniãmoire'i*“.
- 63) É assim que os velhos dizem.
- 64) Então agora várias coisas ficaram aqui na terra.
- 65) Mas a terra não ficou boa mesmo, porque elas disseram: „Nós vamos botar os nossos netos dentro de nós!“
- 66) É assim que elas disseram, quando nós morremos, nós vamos ser enterrado.
- 67) Mas naquela primeira terra teve vida eterna, não teve morte.
- 68) Essa [terra], que foi para o céu.
- 69) É assim o origem da terra.
- 70) É assim os meus avós me contaram.
- 71) Nessa terra nós ficamos agora.
- 72) Mas aquela primeira terra pequena é a vida eterna.
- 73) Aquela que Deus levou.
- 74) É assim o meu avó me contou.
- 75) Mas os velhos não sabiam em qual dia a terra começou
- 76) Mas eles contaram e agora nós sabemos a história.
- 77) Agora as matas são bom para nós.
- 78) Mas tem morte.
- 79) Morte é para todos.
- 80) Quando as plantas tinham crescido muito lindo, mais tarde eles morrem também.
- 81) Quando uma planta morre, vai para a terra também.
- 82) Naquela terra os velhos foram criado, de mesma maneira hoje nós estamos criado aqui.
- 83) Nós estamos dividido nessa terra na cabeceira desse rio.
- 84) Eu já contei isso antes.
- 85) Através da guerra dos velhos, que tava espalhando.¹⁵
- 86) Então os velhos contaram como foi o nosso origem, como os animais.
- 87) Nós não usamos roupa, nem tinha sal, não tinha fogo nessa terra.
- 88) Daí até chegou a onça.

¹⁵ Ver „O Origem das Nacões“

- 89) Então assim conhecemos as nossa criaturas.
- 90) Agora nós deixamos a primeira terra, aí nós vamos ficar junto com a palavra de Deus.
- 91) Tem também os crentes.
- 92) Agora nós usamos só o Novo Testamento.
- 93) Aí nós deixamos essas palavras de antigamente.
- 94) Agora tinha muitas pessoas para conhecer o Novo Testamento.
- 95) Também nós focamos bém por aqui.
- 96) Nós usamos roupa, comida boa.
- 97) Assim Deus nós ajuda.
- 98) Deus nós mandou amar os outros.
- 99) Agora os novos não usam mais o costume dos velhos.
- 100) E nós conhecemos várias nações, que são os nossos amigos.
- 101) Aí nós ficamos bém amigo.
- 102) Porque terminou aquela primeira guerra.
- 103) Também nós temos fogo, sal, nós já temos luz, também terçado, machado e enxada.
- 104) Nós sabemos plantar, mas primeiro nós não soubemos nada.
- 105) Nós estamos aqui, e cada tribu tem a sua própria terra.
- 106) Mas a terra do branco é muito grande.
- 107) Primeiro nós não conheciamos os brancos.
- 108) Mas tem as águas, as plantas e os animais, todos aqui na terra.
- 109) Da mesma maneira nós estamos aqui através do Novo Testamento.
- 110) Então nós já sabemos através do Novo Testamento [que] o branco veio para nós ajudar.
- 111) Muitas pessoas nós ajudam.
- 112) Um dia o Alemão veio por aqui, mas não é como Alemão, mas como branco brasileiro.
- 113) É a mesma coisa como nós, que deixamos o nosso costume.
- 114) Porque na época nós usamos só flecha, os índios só usam flecha.
- 115) Com essas flechas eles fizeram guerra, também mataram caça com flecha.
- 116) Esse costume nós deixamos.
- 117) Hoje em dia ninguém dos jovens vai cazar de manhã cedo.
- 118) Nunca eles matam com flecha agora.
- 119) Veado e porco não trazem com flecha.
- 120) Hoje eles vão cazar com espingarda.

- 121) Eles querem usar só espingarda.
- 122) Quando nós não temos espingarda, nós sofremos.
- 123) Nós não mais sabemos usar flecha.
- 124) Fazer flecha nós sabemos, mas ninguém sabe usar.
- 125) Por isso no meu pensamento somos os „**Novo Sateré**“ (sat.: *Sateré pakup*).
- 126) Os velhos antigos não existem mais.
- 127) Eles só usaram flecha.
- 128) Os **Sateré verdadeiro** (sat.: *Satereria sese*) naquele tempo usaram flecha.
- 129) Hoje somos Sateré, mas novos.
- 130) Mas hoje os lideranças me disseram: „Não deixa os seus costumes!“
- 131) Mas nós deixamos, porque hoje somos os novos.
- 132) Mas unicamente a nossa língua nós não queremos deixar.
- 133) Hoje em dia tem um novo pensamento: amor (sat.: *wo'oky'e*) e respeito da palavra dos outros.
- 134) O primeiro Sateré ainda não foi como gente, mas como onça e como cobra.
- 135) Mas os Sateré são muito bom, não ficam bravo, porque Deus chegou neles.
- 136) E por isso nos deixamos o nosso costume original, flecha, dança da tucandeira, o que antigamente foi o nosso remedio antes dos remedios dos brancos.
- 137) Aquele que nós usamos para ficar sadio, para crescer, aqueles tucandeira (sat.: *watyama*).
- 138) É por isso, que nós usamos naquele tempo.
- 139) Mas um dia apareceram os remedios contra febre (sat.: *ahu*), veio de baixo.
- 140) Dos nossos remedios tucandeira nós tivemos medo, porque era muito doloroso.
- 141) Porque nós metemos as nossa mãos 20 vezes, depois paramos.
- 142) As vezes nós metemos as nossa mãos de novo, mas não todo dia.
- 143) Hoje em dia nós não achamos esse remedio bom, porque é muito doloroso.
- 144) Hoje em dia os jovens tem medo dele.
- 145) Mas por aí os jovens usam.
- 146) Então também deixamos esses costumes do Padre: imagens e dança.
- 147) Tudo isso nós deixamos.
- 148) Por aí as pessoas fazem, mas não é como era antigamente.
- 149) Não foi bonito.
- 150) Também eles beberam cachaça, brigaram.

- 151) Essas coisas eles fizeram.
- 152) Mas não em todos os lugares.
- 153) E assim os novos fizeram.
- 154) Nós já sabemos que a dança da tucandeira não é bom e também cachaça não é bom.
- 155) Também briga não é bom.
- 156) Essas coisas já sabemos que não prestam.
- 157) Porque através da cachaça não tem amigo.
- 158) Nós nós batemos, brigamos.
- 159) É assim quando toma-se cachaça.
- 160) Essas coisas nós esquecemos todos.
- 161) É por isso aqui nós não queremos fazer dança da tucandeira e também nem imagem.
- 162) É por isso que o Padre não quer ir aqui.
- 163) Mas queremos que ele vinha aqui para ensinar a palavra de Deus.
- 164) Mas ele quer ensinar o costume dele.
- 165) É por isso, que ele não quer entrar em nossa igreja.
- 166) Padre é bom.
- 167) Nós amamos ele, mas ele não quer ir pra cá.
- 168) Aqueles costumes, as festas de dançar, nós deixamos.
- 169) No tempo de adorar as imagens, veio também cachaça.
- 170) Aí eles bebereon.
- 171) Aí eles trouxeram só briga.
- 172) Quando eles tomaram cachaça, eles brigaram muito.
- 173) E por isso eu não quero dança da tucandeira por aqui.
- 174) Se tivesse dança da tucandeira aqui, aí sa pessoas vinham para cá, compravam cachaça para tomar no dia da festa.
- 175) Eles iam tomar lá na beira na hora de tucandeira, mas não aqui na casa.
- 176) Quando ficam porre, eles entram aqui na casa e brigam com os outros.
- 177) É por isso, que nós não queremos a festa da tucandeira e outras danças também.
- 178) Mas agora tem a nova festa para adorar Deus.
- 179) Na hora de adorar Deus as pessoas não queriam entrar na igreja.
- 180) Aqui também o pessoal não quer tomar cachaça.
- 181) Mas quando ele tomou pouco cachaça, nós logo expulsamos ele.
- 182) Quando as pessoas vieram de Inge por aqui, nós procuramos cachaça, se eles trouxeren o não.

- 183) É assim, que nós fazemos agora.
- 184) Porque aqui crianças e jovens não fizeram coisas boas, eles fizeram só prostituição.
- 185) E assim não é bom.
- 186) Porque um dia uma pessoa trouxe cachaça de longe e nossos filhos tomaram também.
- 187) Então assim não foi boa.
- 188) Por causa disso nós não queremos dança da tucandeira e outras danças.
- 189) Por isso nós fazemos só a festa de Deus.
- 190) Tudo ano no mes de abril, dia 19 à 20.
- 191) Dia 20 é a comemoração da Bíblia em nossa linguagem.
- 192) Naquele dia muita gente vêem pra cá, mas não tem cachaça.
- 193) Aí nós mandamos um fiscal para reparar cachaça.
- 194) É assim, que nós estamos aqui em nossa comunidade de Vila Nova.
- 195) Alí, lá no Umirituba, a comunidade de Zuzú é quase como aqui.
- 196) Lá os filhos não respeitam pai e mãe.
- 197) Também o pastor não é respeitado.
- 198) E por isso eles tomaram cachaça, não é muito.
- 199) Umirituba é muito similar à nossa comunidade, eles também não querem bagunças lá.
- 200) Porque é o sede do CGTSM.
- 201) A palavra da muleta [puratîg] do Wasiri está lá na Umirituba.
- 202) Saiu petição lá.
- 203) Como nós levamos semente e caiu da nossa mão.
- 204) Aí cresceu esse semente.
- 205) A muda do *puratîg* está lá no Umirituba, mas o tramco verdadeiro está lá no Castanhal.
- 206) Por isso o CGTSM está lá no Umirituba.
- 207) Daqui para baixo só tem CGTSM.
- 208) Por isso tem palavra forte de lá para cá.
- 209) Mas não é carne, só palavra.
- 210) Mas no meu pensamento nós vamos só ficar naquele CGTSM.
- 211) Também tem aqui a palavra de Deus.
- 212) Também Terra Preta, Bom Jardim, São Raimundo, Conceição, Umirituba, todos têm a palavra de Deus.
- 213) Através de Deus nós temos o nosso poder.

- 214) Mas tem Santa Cruz, uma comunidadezinha, o Padre trabalha lá, também Fortaleza, mesma coisa.
- 215) Mas Fortaleza ta querendo a palavra de Deus, também Kuruatuba e Livramento.
- 216) Lá cresceu a palavra de Deus, mas pouquinho ainda.
- 217) É assim, que nós estamos aqui.
- 218) Todos aqui usamos a língua do Novo Testamento só.
- 219) E por isso somos agora como os novos.
- 220) Mas aquele *puratĩg* antigo está lá no Castanhal.
- 221) Mas agora o pessoal quer trazê-lo de volta à seu lugar de origem.
- 222) Porque o lugar dele é lá na Terra Preta.
- 223) De lá foi levado para baixo.
- 224) Por isso os Sateré não querem, que ficar mais para lá.
- 225) Também sabemos, que eles querem vender para os brancos.
- 226) Por isso o pessoal quer devolvê-lo ao lugar de origem dele.
- 227) Mas agora tuxaua Zuzú foi para Brasília.
- 228) Quando ele volta, os tuxauas vão se reunir.
- 229) Aí os tuxauas querem falar sobe o *puratĩg*, se é verdade, que eles querem vender o não.
- 230) Mas se é verdade, o pessoal quer trazer ao lugar dele.
- 231) Mas eles pensaram, onde eles podem deixar, ou lá na Umirituba, ou aqui, ou onde é o lugar dele.
- 232) Porque ele é igual ao papel (sat.: *popera*) dos brancos.
- 233) Mas ele é o *puratĩg* dos Sateré, como o papel dos missionários.
- 234) Porque aquele é [existe] desde do origem do mundo.
- 235) Esse aqui é dos Sateré, como o cetro dos líderes brancos.
- 236) Os brancos querem olhar o *puratĩg*, mas eles não querem mostrar.
- 237) Mas o dono dele sabe tirar o desenho dele.
- 238) Eles copiam igual dele.
- 239) Mas aquele não é para olhar [mostrar á] todo mundo.
- 240) Se uma pessoa quer olhar, só pode fazer isso escondido, sozinho.
- 241) É a mesma coisa como os jovens, o *puratĩg* é velho, mas o pensamento da gente é novo.
- 242) O pensamento do Deus é novo, através dele eles escolheram os costumes velhos.

- 243) Temos muitos costumes antigos, bons e maus, mas nós agora não queremos fazer.
- 244) É pra isso que os Sateré foram criado.
- 245) O nosso costume novo foi criado aqui. Mas aquele veio através do filho do Deus.
- 246) Mas primeiro o nosso pensamento não foi assim, era só para matar outras pessoas.
- 247) Antigamente os velhos não ensinaram a palavra de Deus.
- 248) Mas um Dia Deu deu o seu filho, ele era gente, ele era Jesus.
- 249) Através dele Deus falou por aqui, na presença do seu filho.
- 250) Os nossos costumes antigos maus, dança, tucandeira, nós deixamos.
- 251) Também nós mentimos uns aos outros, roubamos, também matamos gente por causa da planta dele.
- 252) Naquele tempo nós fizemos só coisas más.
- 253) Mas Deus deu o seu filho para matar por causa dos nossos pecados, para salvar nós de nossos pecados.
- 254) Ele morreu na cruz.
- 255) Aí ele lavou o mundo com o seu sangue.
- 256) E por isso tudo mundo ficou com amor.
- 257) Aí nós ficamos bons através de Deus.
- 258) Por isso nós agora somos filhos de Deus, para conviver em amor.
- 259) Porque Deus deu amor, então todas as nações sabem amor.
- 260) Agora nós amamos todas as nações, ninguém matou gente.
- 261) É assim essas coisa ficaram.
- 262) É só isso.

M 7**Como foi no tempo passado****Servu Mikiles**

- 1) Como foi a nossa vida e o nosso costume (sat.: *seko*) antigamente.
- 2) Não tinha roupa, nem calção (sat.: *sirara*).
- 3) Nós não usamos roupa, assim como os velhos no principio (sat.: *nimo*).
- 4) Naquele tempo os velhos ão comeram sal, nem sabia.
- 5) Também não tinha fogo, primeiro eles acharam pedras (sat.: *nuryp*, pedra preta), aqueles pedras, que eles bateram.
- 6) Eles partiram a pedra, com os pedaços eles bateram, daí saiu fogo.
- 7) Aí tem um pau (sat.: *aria'yp ytypit*), que eles secaram para fazer pó (sat.: *iku'i*).
- 8) E em cima desse eles bateram as pedras.
- 9) Aí caiu uma isca e aí pegou fogo.
- 10) Aí o fogo já foi pronto.
- 11) É assim que os velhos fizeram fogo.
- 12) Quando eles conseguiram fazer fogo, eles nunco o deixaram acabar.
- 13) Eles trouxeram muito esse pau pra casa e o fogo nunca acabou.
- 14) Aí eles levaram a brasa (sat.: *hapu~e*) pra outra casa.
- 15) Mas se eles quiseram leva-lo longe, eles o levaram dentro de um galho de inajá.
- 16) Esse galho eles bateram para ficar mole, aí eles queimaram.
- 17) Podia levar uma distância daqui para o São Raimundo.
- 18) Aí eles levaram pra cá, pra alí.
- 19) Levaram para cada casa deles.
- 20) Agora eles levaram o fogo na „pia“ de inajá.
- 21) As vezes o fogo já acabou.
- 22) Por causa disso os velhos ficaram preocupado.
- 23) É assim que os velhos ficaram antigamente.
- 24) Um dia a guerra (sat.: *wu'uka / to'oatukaatuka*) dos velhos acabou e todos viveram em paz.
- 25) „Ta bom, não continuemos a nossa briga.“
- 26) Um dia eles disseram: „Vamos procurar os brancos.“
- 27) Aí eles procuraram.
- 28) Aí os tuxauas foram procurar os brancos.
- 29) Aí eles encontraram os brancos, aí eles falaram.
- 30) Aí os brancos vieram para as comunidades deles.

- 31) Aí eles trouxeram muita mercadoria.
- 32) Trouxeram fósforos, terçado, machado, enxada, sal. Trouxeram tudo.
- 33) Aí eles acharam bo nos tempos antigos.
- 34) Aí já temos terçado e fogo.
- 35) Mas antigamente os velhos tinham medo de acender fogo.
- 36) Mas os brancos ensinaram.
- 37) Quando eles acenderam, os velhos também tentaram.
- 38) Aí eles já sabiam fazer.
- 39) Aí eles acharam bom os fósforos.
- 40) Aí os brancos entregaram terçado, machado, enxada para fazer roça.
- 41) Mas eles ensinaram como usar esses materiais.¹⁶
- 42) Aí eles fizeram roça com machado e terçado.
- 43) Aí eles queimaram a roça e plantaram maniva.
- 44) E por causa disso os velhos ficaram mais satisfeito.
- 45) Primeiro não pudemos fazer roça.
- 46) Mas no tempo de fazer roça eles botaram fogo no pau, aí queimou.
- 47) Aí nesse lugar plantaram as coisas.
- 48) Antigamente eles acharam fogo para fazer o trabalho deles.
- 49) Então [quando] um dia nós achamos aquela pedra, outras pessoas contaram sobre isso para outra pessoa.
- 50) Aí eles tentaram também.
- 51) Mas só poucos acharam.
- 52) Então os velhos procuraram na terra acharam.
- 53) Assim era antigamente.
- 54) Nesse tempo eles asaram caza.
- 55) Eles acharam bom.
- 56) Aí eles comeram comida bem asada.
- 57) Também naquele tempo não tinha sal.
- 58) Também eles conseguiram pouca farinha.
- 59) As vezes eles conseguiram só uma cuia.
- 60) Antes de arrumar terçado, machado e enxada.
- 61) Mas um dia eles conseguiram terçado, machado e enxada e eles acharam bom.
- 62) Aí eles fizeram roça e casa.

¹⁶ Antigamente usava-se machados de pedra (sat.: *nuryp*) (Ranulfo).

- 63) Aí os velhos acharam bom.
- 64) Estava sempre assim.
- 65) Mas só a roupa eles não gostaram.
- 66) Já tinha roupa, mas eles não quiseram usar.
- 67) Quando eles usaram, eles tiraram logo.
- 68) Eles não foram acostumados.
- 69) Mas um dia os netos deles (sat.: *uat'yptiaria*) tavam bem acostumado.
- 70) Eles tentaram costurar, mas não foi bonito.
- 71) Uma terceira vez o nosso costume mudou, foi melhor usar roupa.
- 72) Mas hoje em dia usamos roupa, camisa bem feito.
- 73) Porque os brancos entraram em nossa área.
- 74) Mas o trabalho do povo antigo tava no mato mesmo: castanha, copaiba, arumã, cipó, balata¹⁷.
- 75) Esse foi o trabalho deles.
- 76) Antigamente *Wasiri* só estava fogo.
- 77) Porque no tempo de *Wasiri* não tinha fogo, porque ele é o origem da gente.
- 78) Naquele tempo não tinha comida, caza.
- 79) Mas naquele tempo só tinha frutas: a „língua do *Wasiri*“ (sat.: *ipusupuo*, „língua dele“), arumã mole (sat.: *warumã aperup*), *aimã turi*, „onça de cima“ (sat.: *awyato ywaiti*).
- 80) Só essa foi a primeira comida.
- 81) Porque naquele tempo não tinha fogo.
- 82) Mas quando já tinha fogo, já apanharam patawã.
- 83) Porque não tinha fogo para asar carne cru (sat.: *hu*, „sangue“).
- 84) Quando já tinha fogo experimentaram caza para asar.
- 85) Primeiro acharam fogo em baixo da terra, chamado „pedra negra“ (sat.: *nu ryp*).
- 86) Através dela já tinha fogo.
- 87) Eu não me lembro em qual ano teve terçado, machado e enxada.
- 88) Muitos anos eles só usaram fogo para fazer roça.
- 89) Mas um dia já teve fogo, aí eles tentaram.
- 90) Quando eles acharam caza, eles mataram.
- 91) Aí eles experimentaram, se fosse gostoso o não.
- 92) Aí eles asaram e tava cheirando bom.

¹⁷ Sat.: *we'eiã, kupa'ipa, warumã, yrypo, balata*

- 93) Aí eles comeram carne, porque já sabiam, que tava gostosa.
- 94) Mas não tinha sal.
- 95) Mas só quando eles se encontraram com os brancos, teve sal.
- 96) Porque primeiro só tinha fogo, eles comeram sem sal.
- 97) Eles viveram como os animais (sat.: *miat ko'i*), eles ficaram bravos (sat.: *i'atupy'ahak*).
- 98) Quando eles conseguiram sal, eles ficaram mansos (sat.: *i'atuperup'i*).
- 99) Naquele tempo, quando alguns ficaram bravo com o seu pai, eles o mataram logo.
- 100) Assim eles fizeram, antes de ser manso.
- 101) Mas quando não ficaram braco com a gente, eles ficaram sempre melhor.
- 102) Mas quando uma pessoa fez bagunça (sat: *to'omosatek mosatek*) com outra, eles brigaram como cachorros (sat.: *awareria*).
- 103) Eles brigaram entre eles mesmo.
- 104) Naquele tempo eles já formaram as nações (sat.: *ywãnia*): guaraná, mas os sateré tiveram mas poder (sat.: *hesaika*).
- 105) Também tem os assaí (sat.: *wasa'i*), cutias (*akuriria*), moscas (*meiruria*), mundurukú (*mu~turuku tapyiaria*), os quais tinha muito por aqui.
- 106) Antes já eles brigaram muito com eles.
- 107) Era, porque antigamente não tinha amor (sat.: *wo'oky'e*).
- 108) Também na época não tinha conselho (sat.: *we'e~g hap*).
- 109) Naquele tempo nós fomos contra com as outras pessoas.
- 110) Quando já teve onça¹⁸, tinha muita gente.
- 111) De dia o pessoal ficava escondido, pra cá, pra alí, por medo da onça.
- 112) Naquele tempo um grupo deles tava escondido de baixo do guaranazal.
- 113) Esses Sateré, que foram forte, tavam escondidos num buraco do pau sateré (sat.: *sateré yp*) por medo da onça (sat.: *awyato pupi*)
- 114) Outros tavam escondidos de baixo da folha do assaí.
- 115) Outros tavam escondidos num buraco de tatú (sat.: *sahu*).
- 116) Outros tavam escondidos em baixo da caba (sat.: *~gap*),
- 117) outros tavam escondidos no lugar da saúva (sat.: *we~ki'ã*)
- 118) Mais outros tavam escondidos no buraco da paca (sat.: *pay*),
- 119) Mais outros tavam escondidos em baixo da folha da ingá (sat.: *moki'u*).
- 120) Naquela hora a onça veio sempre.

¹⁸ Ver „O Origem das Nações”.

- 121) Mas nesse momento [teve] uma velha (sat.: *morekuat haryporia*).
- 122) Também [teve] lá um papagaio [sat.: *nek'i*, „mastigado“[?]).
- 123) Aí a onça comeu todas as pessoas.
- 124) Naquela hora essa velha, chamada „mastigada“, [quer dizer:] tinha muitas feridas (sat.: *ipyyp* [Text] *hepihipihi* [Ranulfo]).
- 125) Naquela hora a onça chegou de manhã cedo, mas já tavam fora escondidos.
- 126) A onça a encontrou sozinha.
- 127) Ela não podia andar.
- 128) Quando a onça chegou, ele perguntou: „Para onde foi o pessoal, vovô?“
- 129) Aí ela respondeu: „Eu não sei para onde foram, eles me deixaram aqui sozinha.“
- 130) Naquela hora a boca da onça foi vermelho de sangue da gente.
- 131) Ele tinha muitos ovos (sat.: *upi'a*) da mosca na boca.
- 132) A onça mandou, que ela a catasse (sat.: *eha'auka ... uhegyp*, „matar piolhos“).
- 133) Aí a onça deitou no colo dela.
- 134) Aí a vovô tirou os ovos da mosca.
- 135) Quando ela tirava, a onça pegou sono no colo dela.
- 136) Aí ela a deixou devagar no chão e saiu de perto dele.
- 137) Depois a onça acordou de novo.
- 138) „Para onde está vovô?“ ele disse.
- 139) Aí a vovô disse: „Estou aqui!“
- 140) Depois a onça voltou para o mato de novo.
- 141) Ele fez sempre assim.
- 142) Um dia a ferida da vovô era sarada.
- 143) Aí ela trabalhou e plantou maniva (sat: *temani*).
- 144) Naquela hora a onça chegou de novo.
- 145) No mesmo momento o papagaio (sat.: *ahut*) tava lá em frente da casa dela em cima de uma planta.
- 146) Aí a onça perguntou o papagaio: „Para onde foi a tua dona?“
- 147) Aí o papagaio respondeu: „Ela foi para a roça. Vai voltar logo.“
- 148) A onça disse: „Quando eu vou voltar por aqui a próxima vez, eu vou comê-la! Porque eu sei, que a ferida da tua dona já ta sarada.“
- 149) Assim falou a onça, porque ele não encontrou a vovô.
- 150) Aí a onça voltou para o mato.

- 151) „A manhã eu venho de novo! Como a tua dona não tá aqui, eu já vou. Eu acho, que a ferida da tua dona é bem sarada, po isso ela não está aqui. Por isso a manhã eu vou comer a tua dona!“
- 152) Então a manhã ele voltou de novo, mas não encontrou a vovô.
- 153) Mas o papagaio estava lá.
- 154) Aí a vovô chegou, depois a onça tinha saído.
- 155) Ela estava bem suada (sat.: *he'at hakup*), ela veio do trabalho dela.
- 156) Aí o papagaio dela chegou perto dela, porque tava com muito fome (sat.: *hesy'at*).
- 157) Ele tava gritando.
- 158) Aí a dona dele ficou bravo com ele: „O que tu queres? Tou muito suada!“
- 159) Aí o papagaio voltou e subiu numa árvore.
- 160) Lá ele chorou (sat.: *tuwak*).
- 161) Aí ele disse: Tomara, que a manhã a onça te comesse! De manhã ele veio, mas ele não encontrou você, por isso ele te vai comer!“
- 162) Agora a vovô chamou o papagaio: „Vem pra cá, aqui é a tua comida!“
- 163) Mas ele não veio.
- 164) Aí a dona perguntou: „Como é, que você falou para mim?“
- 165) Aí ele contou: „A onça me disse: ‚Eu veio por aqui, mas como eu não encontrei a tua dona, eu vou comê-la.‘ É assim, que a onça me disse.“
- 166) Aí ele respondeu: „Sim, tá bom! Agora tá aqui a tua comida. Desculpa, que tava brava contigo, porque naquela hora tava muito suada. Só por isso.“
- 167) Aí ele veio e comeu.
- 168) Aí a vovô contou tudo para o pessoal, que tava chegando, porque de noite o pessoal dormia na casa.
- 169) Porque de dia sempre vinha a onça depois o pessoal teve saído.
- 170) Aí o pessoal perguntou a vovô: „Como foi por aqui, vovô?“
- 171) Aí ela contou: „De manhã ele veio por aqui, mas como não me encontrou, ele ma vai comer, meus filhos. É assim, que a onça me disse.“
- 172) Mas uma pessoa tava pensando: „Tem, o que os velhos chamam de pau d'arco pequeno (sat.: *arawa'yp kyt*), o que eles cortaram com machado de pedra (sat.: *nu ryp*).
- 173) Naquele tempo não tinha faca.
- 174) Eles cortaram um pedaço pequeno.
- 175) Eles o apontaram com a pedra. Bem apontado.

- 176) Aí a vovô falou: Ele dormia sempre no meu colo. Aí, quando dormia, eu sempre o deixei para o chão.“
- 177) Aí eles fizeram essa flecha grande (sat.: *mory'a wato*).
- 178) „Quando ele está dormindo, você o deixa para o chão devagarzinho, você bate essa [flecha] no ouvido dele!“
- 179) Quando a flecha tava pronto de manhã cedo ele veio de novo.
- 180) Mas ele encontrou ninguém aliás essa velha.
- 181) Aí a onça disse pra ela: „Você me pode catar?“ e deitou no colo dela.
- 182) Aí a boca da onça tava muito vermelha do sangue da gente.
- 183) Aí a velha tirou todos os ovos da mosca da barba dele.
- 184) Mas naquele momento ele já tava dormindo.
- 185) Antes ele falou pra ela: „Quando eu vou roncar (sat.: *ui'akuat okpy ehay // hōhō*), você me pode deixar no chão. Mas antes de eu roncar, não me pode deixar no chão. Sim não, eu vou te comer!“
- 186) Aí a vovô tava no perigo (sat.: *ipoity'i*).
- 187) Aí a vovô já sabia, que ele tava dormindo bem e o deixou devagar no chão.
- 188) Aí ela virou a cabeça dele com o ouvido pra cima.
- 189) Aí a vovô pegou a flecha e a colocou bem no ouvido dele e bateu.
- 190) Aí a onça ficou tremendo (sat.: *tyryry*) para morrer.
- 191) Aí ele não pegou a vovô.
- 192) Aí ele tava morto.
- 193) A buzina (sat.: *huhu*) da velha era do cabeça (sat.: *aka~g*) de gente, comida da onça.
- 194) Mas ela tinha falado antes: „No momento, que eu tenho matado a onça, eu vou soprar a minha buzina para chamar vocês!“
- 195) Mas eles não acreditaram a ela.
- 196) Mas ela matou á meio dia.
- 197) Aí ela pegou a sua buzina e soprou bem alto.
- 198) Então o pessoal veio e ficou muito satisfeito.
- 199) O pessoal veio correndo e eles pensaram, que ela já matou a onça
- 200) Quando eles chegaram, a onça tava aí no chão.
- 201) Todas as pessoas vieram.
- 202) Aí ela perguntou: „Você tava escondido aonde?“
- 203) Primeiro ela falou com os *sateré*.

- 204) Eles responderam: „Fomos escondidos no buraco do pau sateré.“
- 205) „Sim, tá bom.
- 206) Primeiro todos foram *anumareria*, a única nação de Deus. Agora vocês não são mais *anumareria*, mas agora vocês são nação *sateré* (sat.: *sateré ywãnia*)!“
- 207) Naquele pau, do que os velhos falam, tinha muitas lagartas (sat.: *ut*).
- 208) Então ela perguntou outra pessoa: „Você tava escondido aonde?“
- 209) „Fui escondido em baixo da guaranazal.“
- 210) Você não é mais *anumare*, agora você é nação de **guaraná** (sat.: *waranai waria*)!“
- 211) Aí ela perguntou de novo: „Você tava escondido aonde?“
- 212) „Eu fui escondido de baixo da folha do assaí.“
- 213) „Então você não é mais *anumare*, mas nação de **assaí** (sat.: *wasa'i ywãnia*)!“
- 214) Aí ela perguntou pra outro: „Você tava escondido aonde?“
- 215) „Eu fui escondido no meio das folhas do kumarú¹⁹.“
- 216) „Agora você não é mais *anumare*, mas nação de **kumarú** (sat.: *kumaruria*)!“
- 217) Aí ela perguntou pra outro: „Você tava escondido aonde?“
- 218) „Eu fui escondido no buraco da cutia.“
- 219) „Agora você não é mais *anumare*, mas nação de **cutia** (sat.: *akuri ywãnia*)!“
- 220) Aí ela perguntou pra outro: „Você tava escondido aonde?“
- 221) „Eu fui escondido de baixo da caba (sat.: *~gap*).“
- 222) „Agora você não é mais *anumare*, mas nação de **caba**!“
- 223) É assim, que ela colocou o nome.
- 224) Tem nação de **algodão** (sat.: *amu~kiusuria*), **paca** (sat.: *pay*), nação de **inambú** (*urit'i ywãnia*), também **saúva** (*wenki'ã*).
- 225) Assim os velhos colocaram os nomes das nações.
- 226) Então índio foi contra índio.²⁰

¹⁹ As frutas foram vendidas para fazer sabão.

²⁰ *Mi'i hawyi ti tapyi'itaria to'ope to'ope yt to'owese'i ra'yn.*

- 227) Aí eles brigaram com os *sateré*, mas os *sateré* foram mais poderoso.
- 228) Por isso eles não venceram os *sateré*.
- 229) Quando a guerra terminou, eles ficaram mansos e conviveram em amor.
- 230) Então os guaraná, os cutia, os assaí, também inambú se viraram para os *sateré*.
- 231) Por isso todos são amigos dos *sateré*.
- 232) Mas tem muitas nações, que não viraram amigos dos *sateré*.
- 233) Eles são os algodão, os saúva, os paca.
- 234) Eles se espalharam para fora.
- 235) Por isso os índios se espalharam por aí.
- 236) Nós não sabemos agora, para onde esses índios foram.
- 237) Também os nossos velhos não sabem.
- 238) Mas tinha muitos Mundurukú.
- 239) Primeiro os velhos pensaram, que só existe índio Sateré aqui no Andirá.
- 240) Mas nós sabemos de uma pessoa [Pastor Alberto Graham], que em tudo mundo tem índios (sat.: *tapyiaria*).
- 241) Assim é a origem da cultura (sat.: *eko*) dos índios.
- 242) Os índios mansos viraram amigos dos Sateré.
- 243) Eles espalharam pra cá, pra alí, mas tá bom, a metade deles ficou com os Sateré (sat.: *haria wywo*, eles / com)
- 244) Depois da reunião a mercadoria apareceu por aqui.
- 245) Aí os índios ficaram pra cá, pra alí.
- 246) Aí o tuxaua, o“cabazário“ dos Sateré (sat.: *tu'isa satere aka~g*) procurou as coisas boas.
- 247) „Tá bom que nós tínhamos reunido“, ele disse.
- 248) Aí eles procuraram os brancos.
- 249) Através deles melhorou até hoje.
- 250) Com os brancos os Sateré são amigos (sat.: *to'owese*).
- 251) Mas os nações brancos tinham medo do índio.
- 252) Mas também tinha nações brancas com arma (sat.: *wat*).
- 253) Quando o **Americano** veio, eles pensaram que vinha par nós matar.
- 254) Assim que os índios disseram.

- 255) Mas quando Alberto (sat.: „ape'i, „barata“, [apelido]) veio, ele demorou muito tempo.
- 256) Ele veio no 1960.
- 257) Os índios gostaram dele, mas primeiro tinham medo dele, mas agora não.
- 258) Hoje o Alemão veio, teve alguns, que tinham medo.
- 259) Mas eu sei através do Alberto.
- 260) Por isso eu posso falar e contar.
- 261) Hoje já outras nações entraram, eu acho bom.
- 262) Também Espanhol²¹ tava por aqui para ajudar os índios.
- 263) Ela [Dra. Christina, médica da Ameríndia] tava como pagé (sat.: *paini*), mas o Americano ficou para ensinar a palavra de Deus, para [nós] conhecer.
- 264) Mas o Alemão veio por aqui para conhecer essa terra, para conhecer os índios Sateré, se tiver ainda Sateré ou não.
- 265) Para saber. É para isso, que ele veio, eu sei.
- 266) Mas uma vez uma pessoa chegou por aqui.
- 267) Através do Americano nós voltamos ao nosso origem, os *anumareria*, a nação de Deus.²²
- 268) Através dele nós chegamos a saber primeiramente.²³
- 269) Eu já conheço o Americano.
- 270) Todas essas coisas vieram de Deus:
- 271) Primeiro ele fez água (sat.: *y'y*), céu (*atipy*, „heaven“) e terra (*yi*), estrela (*waikiru*), lua (*waty*) e mata (*~ga'apy*).
- 272) Aí ele também fez animais (sat.: *miat ko'i*) nesse mato para nós comer.
- 273) Ele fez terra para fazer as nossas roças para plantar.
- 274) Depois ele fez o primeiro homem, chamado Adão.²⁴
- 275) Ele é homem, mas ele tava sozinho.
- 276) Aquela terra antigamente foi chamado de *nusoken*.
- 277) Aí Deus fez todas as plantas.
- 278) Lá ele colocou Adão.
- 279) Como você [o Alemão], você fica sozinho aqui na casa.
- 280) Então ele entregou tudinho [o lugar] á Adão: „Então, agora você pode ficar por aqui. Essas são todas as minhas plantas. Agora é você, que é responsável para isso!“

²¹ Membros da „Ameríndia“.

²² *Sa'awy'iwuat aheko moweityk koitywy anumareria ra'yn aito Tupana ywānia.*

²³ D.h.: „sabemos de novo“, „deixamos a nossa ignorância“

²⁴ O que segue é a versão da „Genesis“ do tuxaua Servo

- 281) Aí ele disse: „Você pode andar só por aqui, mas você não pode passear para o outro lado!“
- 282) Aí tem uma planta para saber o bem do mal.
- 283) „Aí tem uma planta!“
- 284) Ele falou sobre os demônios (sat.: *ahia~g*).
- 285) Como Deus mandou, o Adão, quando tava sozinho, ele ficava aqui todo o dia (sat.: *at*, Sonne, Tageslicht, Tag).
- 286) Um dia ele pensou: „Porque todos os animais são machos (sat.: *iwary'i*)? Passarinhos, cazas e peixes, toda a criação dele?“
- 287) Esse Deus entregou para Adão, para ele ficar satisfeito.
- 288) Aí ele olhou, mas ele não achou os animais igual gente.
- 289) Aí ele [Deus] disse: „Sim, eu vou fazer uma mulher (sat.: *haryporia*).
- 290) Ele vai fazer a mulher dele.
- 291) Aí ele chamou Adão.
- 292) Aí ele o beijou (sat.: *toi'apysĩg*) para ficar com sono.
- 293) Quando ele beijou, Adão ficou com muito sono.
- 294) Aí ele deitou.
- 295) Naquele tempo o corpo dele ... [aponta ao peito e às costas] ... até aqui.
- 296) Aí ele tirou o peito (sat.: *ipoti'a*) dele.
- 297) Aí ele transformou a carne (sat.: *ipu'i*) em uma mulher, é feita do osso (sat.: *kãg*) do Adão.
- 298) Quando a mulher estava pronta, aí ele o beijou de novo.
- 299) Aí ele beijou, aí a mulher já foi feita.
- 300) Aí ele mostrou para Adão.
- 301) Deus disse: „Essa aqui é a tua companheira!“
- 302) Naquela hora essa mulher ficou muito bonita.
- 303) Ele gostou dela.
- 304) Aí ele estava junto com uma mulher.
- 305) Ela falou na língua do Adão, por isso dava pra conversar.
- 306) „Agora essa é a tua companheira. Você pode ficar junto com ela.“
- 307) Aí ele deu conselho para eles: „Vocês são responsáveis para as plantações. Mas aqui também tem árvore para saber o bem do mal.“
- 308) Ele deu conselho: „Você só pode andar por aqui!“
- 309) Então eles passaram e voltaram.

- 310) É assim, que eles estavam.
- 311) Um dia Adão estava cansado [na casa].
- 312) Mas a mulher não entrou, mas saiu pra fora.
- 313) Lá o homem-serpente (sat.: *moi'ok*, „cobra grande“) encontrou ela.
- 314) Esse foi a primeira prostituição (sat.: *we'e~g*, adultério) das mulheres.
- 315) É assim as mulheres fazem, quando não atendem o conselho do pai e mãe, [quando] não têm respeito dos maridos, por causa da palavra do diabo (sat.: *ahiãg*), a grande serpente (*moi'ok*).
- 316) Por causa da palavra dele os pais e irmãos não foram respeitados.
- 317) Lá começaram essas coisas.
- 318) O espírito do diabo tinha entrado no corpo (sat.: *ymye~*, barriga) da serpente.
- 319) Aí o diabo falou para o Adão e Eva (sat.: *Ewa*).
- 320) Ele foi o primeiro pagé.
- 321) Até hoje ele nós engana.
- 322) Ele fuma (sat.: *tesuhu sapy*), benza (sat.: *aipotyro*) e queixa outra pessoa.
- 323) Aí tem razão para matar outros, outros pagés também.
- 324) Primeiro não existia pagé, também não existiam remedios, não existiam enfermeiros (sat.: *mohãg mo'e haria*).
- 325) Naquele tempo o pagé apareceu.
- 326) Ele foi o primeiro, que enganou a Eva.
- 327) Quando Eva saiu, o diabo encontrou ela.
- 328) Aí ele falou.
- 329) Naquele tempo as plantações foram muito bonitas.
- 330) Lá a serpente perguntou: „O que você tá fazendo?“
- 331) Por isso a Eva respondeu: „Nós estamos responsáveis das plantas, que Deus deu para nós.“
- 332) Aí o diabo disse: „Vocês comem dessa fruta?“
- 333) Aí Eva respondeu: „Não, nós não comemos, porque Deus nós proibiu comer: „Quando vocês comem dessa fruta, vocês logo vão morrer!““
- 334) Ele foi o primeiro pagé.
- 335) Depois ele falou de novo para Eva: „Será que é proibido comer essa fruta.“
- 336) Ai ele falou de novo: „Sim, eu sei, que Deus proibiu comer. Ele não quer, que vocês sabem, o que ele sabe.“
- 337) É assim que o diabo disse para Eva.

- 338) Então o diabo tirou a fruta e deu para a mulher
- 339) Ela partiu e comeu.
- 340) O diabo comeu também.
- 341) Ele disse: „Você acha gostoso?“
- 342) Eva foi entusiasmada (sat.: *min'ok*, „encantada“).
- 343) Aí ela pegou e comeu a comida do diabo.
- 344) Aí ela levou para Adão.
- 345) Aí ela disse pra ele: „Adão, essa fruta é muito gostosa!“
- 346) Aí ele comeu.
- 347) Ai pela primeira vez fomos enganado pelo diabo para fazer trabalho errado.
- 348) Aí o homem enganou a mulher, e aí a mulher enganou o homem.
- 349) Aí eles fizeram sexo (*toimoewaire*).
- 350) Assim pela primeira vez fomos enganado.
- 351) Hoje em dia o trabalho dos pagés é a mesma coisa.
- 352) Ele fuma, tira espírito (sat.: *pa'au~*, „alma“) do diabo e fala.
- 353) Eles enganam as pessoas.
- 354) Quando uma pessoa tava doente, eles benzaram e chuparam (sat.: *hui*) coisas do corpo da gente e as mostraram: „Esse aqui fez mal para ti!“
- 355) Aí ele falou: „Tal fulano que te amaldiçoou. O seu irmão te amaldiçoou!“
- 356) É assim o trabalho do pagé.
- 357) Por causa das mentiras deles as pessoas se mataram.
- 358) Irmãos se mataram mutualmente.
- 359) Eles mataram com terçado o com paus.
- 360) Também eles mataram os pagés.
- 361) Porque os pagés são mentirosos (sat.: *wo'oma'at*).
- 362) Mas hoje em dia Deus ensinou só mandamentos.
- 363) Aí chegou o Espírito Santo, através dele nós sabemos, que o pagé é mentiroso.
- 364) Hoje nos não queremos usar os pagés.
- 365) Porque hoje em dia todas as nações são filhos de Deus (sat.: *Tupana ywãnia*), qualquer língua eles falam.
- 366) Todos os homens vivos e os índios são criaturas de Deus.
- 367) Mas ele enganador (sat.: *aima'at*) diabo nós não gostamos.
- 368) Eles nós incitaram brigar entre nós.
- 369) É assim que nós estamos agora, mas tinha muitas pessoas, não souberam ainda.

- 370) Eles não gostaram do Americano, também não gostam de Alemão, também não gostam dos Espanholes por causa da palavra do diabo.
- 371) Mas agora nós estamos só a nação de Deus.
- 372) Mas ainda hoje tem briga entre nós.
- 373) Mas hoje também veio o poder de Deus.
- 374) Através disso os Sateré já sabem como ficar amigo com os outros.
- 375) Também já sabem, que o Americano é um homem bom.
- 376) Aí ele me ensinou muito tempo e hoje nós já sabemos.
- 377) É assim que nós estamos agora através de Deus.
- 378) Mas Deus nós mostrou, o que é bom para nós fazer.
- 379) Primeiro Deus não apareceu (sat.: *tuwepu'i nu~g*).
- 380) Depois ele se transformou.²⁵ Em um homem no meio da criação dele.
- 381) Ele mostrou
- 382) Seu filho Jesus.
- 383) Eles chegaram a saber Deus através do seu filho encarnado (sat.: *ipu'i*, „encarnado“) Jesus.
- 384) Mas Deus só era espírito (sat.: *ma'au*).
- 385) Da mesma maneira a nossa carne e feito de terra.
- 386) Mas Deus está na palavra e no pensamento.
- 387) Através daquela palavra nós existimos hoje.
- 388) Hoje em dia nós não vemos Jesus.
- 389) Nós vamos guardar os mandamentos dele, e um dia nós vamos ver o Jesus encarnado como nós.
- 390) Porque ele é o „rei dos reis“ (sat.: *morekuat koro*, grande líder).
- 391) Deus nós mandou para ele.
- 392) Esse o pessoal da Vila Nova já sabe e por isso eles trabalham na palavra de Deus para conhecer melhor.
- 393) É assim que nós estamos aqui, agora nós já sabemos que Jesus é o „rei dos reis“.
- 394) Através da boca da da sua criação ele falou sobre o seu filho Jesus.
- 395) Quando Deus fez o seu filho, ele falou da boca do seu filho.
- 396) Hoje tá espalhando a palavra de Deus, Marau e Andirá enteeiro.

²⁵ *tuwemoko'i* ele se transforma [também: a metamorfose do inseto]
tuwemoherep [também: pagé se transforma em onça]
tuwaramak
tuwepu'i nu~g

- 397) Também Waikurapá, para os vários lugares.
- 398) Agora está na mão dos índios.
- 399) Mas não todos sabem.
- 400) Mas devagar eles chegam a saber.
- 401) E or isso Deus mandou o Americano para todas as nações.
- 402) Também os filhos dele trabalham entre os Xavantes, a filha dele no Acre, outro filho entre uma outra tribo de índios.
- 403) É assim que eu contei a história [do início] até Jesus.

M 8

O Pau do Veneno *Tukai*

Servo Mikiles

- 1) Então nós vamos estudar sobre as palavras dos tempos antigos.
- 2) Então nós vamos estudar a passagem nos tempos antigos.
- 3) Hoje eu vou contar como antigamente não tinha amor (sat.: *wo'oky'e*).
- 4) Naquele tempo os velhos não conheceram amor.
- 5) Por isso eles ficaram uns contra os outros por causa da onça, o que comeu os velhos [s M 7].
- 6) Por causa da onça eles formaram as nações (sat.: *ywānia*).
- 7) Quando eles terminaram se esconder por medo da onça eles ficaram uma contra as outras [nações].
- 8) Então eles começaram guerrear.
- 9) Daí, que começou a primeira guerra (sat.: *wo'oatuka atuka*).
- 10) Então eles brigaram.

- 11) Um dia eles acharam a árvore *tukai* (sat.: *tukai yp*, t. / pau).
- 12) Eles a acharam longe do lugar deles.
- 13) Lá tem uma campina (sat.: *yahi~g*), no meio dessa estava a árvore de veneno.
- 14) Ela estava lá sozinha.
- 15) Se alguma caza passou perto dela, morreu de repente.
- 16) Também as [outras] árvores morreram, só essa tava lá sozinha.
- 17) Aquela os velhos acharam.
- 18) Ninguém podia passar perto dela.
- 19) Mas teve um papagaio (sat: *pakyi*), o urumutum (*ukuru'a wato*), também anaká (*kahi*, tipo papag.), que comeram as frutas dessa árvore.
- 20) Mas as lagartas (sat.: *he'ut*) dessa árvore tinham o tamanho de preguiças (sat.: *ariukere*).
- 21) Os excrementos (sat.: *iu~n*) dessa lagartas caíram no chão e se espalharam no tempo de chuva (sat.: *i'aman mot*) pra cá, pra alí.
- 22) Aí as águas os levaram para baixo e ficaram por alí.
- 23) Por causa disso várias doenças (sat.: *ahu*) se espalharam por aqui.
- 24) Porque esses excrementos entraram nos vários rios.
- 25) Quando as folhas do *tukai* apodreceram e os rios aumentaram (sat.: *ihy wato*) e também quando secaram (*ihy pap*) de novo, nesses momentos tinha muitas doenças de diarreia (sat.: *ahu okpyhy*).

- 26) Isso é, que os velhos contam.
- 27) Aí um dia ele descobriram essa árvore, mas nós não pudemos ir para lá, porque nós íamos morrer.
- 28) Mas um dia um velho (sat.: *nāg*) não tinha medo para salvar os filhos da sua nação.
- 29) Então ele disse: „Então eu vou pegar [a essência] dessa árvore.“
- 30) Porque, quando nós vamos para o tuco do *tukai*, nós íamos morrer, quando tínhamos voltado para a nossa casa.
- 31) Por isso eles mandaram aquele velho para tirar [a essência].
- 32) Então o velho disse: „Porque eu já sou muito velho, eu vou pegar e deixar nas sua mãos.“
- 33) Então ele levou uma vasilha e a deixou no tuco da árvore *tukai*, riscou e a essência (sat.: *ihy*, „líquido“) saiu na vasilha.
- 34) Quando uma vasilha ficou cheia, ele colocou outra.
- 35) Ele encheu 4 potes pequenos.
- 36) Ele tampou tudinho aí e levou e entregou para a sua nação.
- 37) No momento, em que chegou à sua casa, o velho morreu.
- 38) Então aqueles potes ficaram na mão dos seus filhos e do seu povo.
- 39) Então já teve veneno (sat.: *pohāg*) para as flechas deles.
- 40) Com aquele [veneno] eles fizeram guerra.
- 41) Esse veneno ficou na mão dos sateré [nação], as outras nações não tinham.
- 42) Então eles começaram guerrear de novo.
- 43) Cabia à uma pessoa passar o veneno nas pontas das flechas.
- 44) Uma pessoa só passava o veneno nas pontas das flechas.
- 45) Quando ele terminou passar, ele entregou.
- 46) Com essas flechas eles começaram guerra.
- 47) Também tinha outro tipo de flecha (sat.: *warihō'ā*, „whistle arrow“), também passado no veneno.
- 48) Essas flechas eles usaram antes de atacar os inimigos.
- 49) Mas antes de soltar essas flechas, eles tinham cercado os seus inimigos.
- 50) Primeiro uma pessoa soltou o *warihō'ā* para a casa dos seus inimigos.
- 51) Quando eles ouviram aquele *warihō'ā*, todos os inimigos espalharam.
- 52) Quando eles correram, eles acabaram nas mãos deles.
- 53) Quando uma flecha tocou uma pessoa, aí morreu.

54) É assim, que eles fizeram guerra.

55) Mas só os saterés, que naquele tempo tinham poder (sat.: *i'atuesaika*).

56) Então eles guerrearam muito, e por causa disso a nação espalhou.

57) Primeiro os índios formaram uma nação só, mas um dia uma nação se virou contra a outra.

58) É assim que os velhos contaram.

59) Naquele tempo o *tukai* foi o veneno das flechas deles.

60) Então hoje em dia ninguém sabe onde fica esse veneno mortífero (sat.: *pohãg satek*), porque ninguém contou.

61) Mas hoje em dia os Sateré não são mais bravos, porque não tem o veneno deles para matar.

62) Porque antigamente não conheceram Deus.

63) Mas hoje em dia os Sateré [*sateré ywãnia*] convivem só em amor, também hoje em dia os índios vivem junto com várias nações.

64) Também a Bíblia estava na mão deles.

65) Eles estavam estudando as palavras boas.

66) Eles amaram os outros, ninguém fica contra os outros.

67) Hoje em dia os Sateré são novos (*sateré ipakup*) e por isso eles amaram todas as nações.

68) Também não tinha mais guerra por aqui.

69) Só isso que eu conto sobre o *tukai*.

M 9**Como foi antigamente quando gente morre²⁶****Servo Mikiles**

- 1) Então eu vou contar, o que aconteceu antigamente quando gente morre.
- 2) Também o que nós fizemos quando os nossos filhos e os nossos amigos morreram.
- 3) Essas histórias eu vou contar.
- 4) Eu vou contar uma história do nosso costume (sat.: *urueoko*).
- 5) Naquele tempo ninguém conhecia Deus.
- 6) E por isso, quando os nossos filhos e amigos, a nossa mãe morreram, nós abraçamos o corpo deles.
- 7) Por isso nós não queríamos, que o cemitério (sat.: *wo'osyp wo'osyp hap*) ficava longe.
- 8) Quando não tinha cemitério, nós não queríamos enterrar o corpo em qualquer lugar, mas nós enterramos os nossos amigos na casa mesmo.
- 9) Também nós choramos a noite inteira.
- 10) Antigamente os velhos choraram dia e noite.
- 11) Eles enterraram os corpos junto com eles, porque eles não queriam enterrar pra fora.
- 12) Passou uma semana aí eles fizeram piso bem seguro, não apareceu [foi visível] a sepultura.
- 13) Aí eles moraram junto com a sepultura, em nossa linguagem *mu~'é~*.
- 14) Era assim, quando antigamente a gente morreu.
- 15) Assim os índios Sateré fizeram.
- 16) Porque naquele tempo não tinha cemitério.

- 17) Mas um dia o Padre (sat.: *pa'i*) entrou no meio dos Sateré.
- 18) Ele mandou fazer cemitério separado.
- 19) Então o padre chamou esse de „cemitério“.
- 20) Aí ele também trouxe imagem de Deus (sat.: *Tupana iã'akap*).
- 21) Também ele fez uma casinha do imagem.
- 22) Através dele tinha cemitério.
- 23) Então eles não puderam enterrar na casa deles, porque já tinha cemitério.
- 24) Mas só aqui tem um grande cemitério.
- 25) Mas nas outras comunidades por aqui não tinha cemitério.
- 26) Por isso o pessoal daqui nunca mais foi enterrado na casa.
- 27) Mas agora, quando a gente morre, leva para o cemitério

²⁶ *aiku'yro*, morrer

- 28) Também os velhos antigos choraram: „Nosso amigo, nosso pai faleceu e por isso nunca mais nós vamos ver ele.“
- 29) E assim os velhos choraram o dia inteiro.
- 30) Naquele tempo também não tinha caixão para o morto.
- 31) Ele foi embrulhado na roupa dele.
- 32) Aí ele foi colocado na sepultura.
- 33) Mas o espírito (sat.: *au~*) dele nós não sabemos para onde ele foi.
- 34) Os velhos antigos disseram, que não existiu mais o espírito dele.
- 35) É assim, que os velhos disseram, porque eles não conheciam Deus.
- 36) Por isso eles disseram: „Agora nós não mais vamos ver ele.“
- 37) Mas o padre contou.
- 38) Aí o pessoal já soube, aqueles velhos.
- 39) Antes do que chegou a palavra de Deus, os velhos disseram: „Aqueles trabalhos (sat.: *ipotpap*) deles sumiram.“
- 40) Mas quando ele ainda tava vivo, ele deixou o trabalho na mão dos seus filhos.
- 41) Mas ele não entregou na hora de morrer.
- 42) Ele não entregou para os seus filhos, nem disse: „O meu trabalho já terminou“, por isso os filhos dele tavam espalhado pra cá, pra alí.²⁷
- 43) Quando nós ou nossos filhos tavam doente, nós de repente procuramos pagé.
- 44) Porque as pessoas o acharam bom.
- 45) Porque só ele dava jeito, quando a gente ficava doente.
- 46) Quando uma pessoa perdeu a sua alma (sat.: *ta'atu'au~*), eles chamaram de repente o pagé.
- 47) Ele benzou (sat.: *toipoityro*) e disse: „Falta a sua alma. Tem que colocar de novo. Mas o pagamento de colocar alma é muito caro.“
- 48) Então os velhos entregaram a sua espingarda.
- 49) Se alguém teve artesanato, peneiro o tipití, farinha, essas coisas ele entregou para re-colocar a alma.
- 50) Aí eles entregaram as suas coisas e ele colocou de novo a alma.
- 51) Aí o pagé disse: „Agora você vai ficar melhor.“
- 52) Aí o pagé já foi para casa.

²⁷ Gemeint ist: die vom Vater den Söhnen beigebrachten *Arbeitsfähigkeiten* (-fertigkeiten) werden weiter existieren; die Rede ist nicht von der Vererbung bestimmter Güter!

- 53) E passou uma semana, aquele doente morreu.
- 54) Aí os velhos disseram: „Acho, que ele nós enganou.“
- 55) Então, quando uma pessoa morreu, aí o pagé devolveu o pagamento.
- 56) As vezes uma outra pessoa não morreu, tava com saúde.
- 57) Um dia o padre veio pra cá.
- 58) Ele falou da Bíblia sobre os pagés.
- 59) Aí ele espalhou uma folheta.
- 60) Aí eles estudaram, aí eles já sabiam como é pagé.
- 61) Aí o pessoal já sabia, que o pagé é enganador (sat.:*wo'oma'at*).
- 62) Daí os velhos já sabiam, que ele é mentiroso (sat.: *eso*).
- 63) Então o pessoal conversou entre si e depois chamou o pagé.
- 64) Porque ele denunciou o seu colega, que esse amaldiçoou e por isso o seu filho tivesse morto.
- 65) Assim os pagés falaram de seus amigos.
- 66) Por causa disso o pai ficou bravo.
- 67) E por isso, quando um filho de uma pessoa morreu, ele matou o pagé.
- 68) Assim foi antigamente.
- 69) Mas agora através da palavra de Deus ninguém mais usa pagé.
- 70) Por aí tinha pagé, mas ninguém foi pra lá daqui da nossa comunidade.
- 71) Também ninguém chamou pagé pra cá.
- 72) Porque o pagé não foi boa.
- 73) Mas o pagé tava em perigo, porque antigamente os pagés morreram da espingarda, de terçado, de cacete.
- 74) Mas o pessoal do Marau até hoje faz isso: eles mataram pagé.
- 75) Assim primeiramente foi o nosso costume.
- 76) Só isso o costume dos tempos antigos.

M 10**Servo na Vila Nova****Servo Mikiles**

- 1) Então eu vou contar a passagem (sat.: *uikosap hap*) [da minha vida], como eu foi criado.
- 2) Como foi no inicio da minha vida o trabalho e a comida, [isso é, o que] ele [o alemão] quer.
- 3) Primeiro eu morei lá no Bananal, o meu acampamento.
- 4) Lá eu morava, quando era criança.
- 5) Eu não sei, em qual ano o meu pai morreu, mas na época a minha mãe tava lá e os meus avôs também.
- 6) Foram eles, que me criaram.
- 7) Quando eu já era grande, a minha mãe ficou viúva (sat.: *hiwu*).
- 8) Depois ela arranjou um outro marido (sat.: *he'aito*).
- 9) Aí ela foi para outra comunidade chamado Repartição.
- 10) A nossa mãe (sat.: *uruty*) me deixou.
- 11) Nós fomos dois pessoas só.
- 12) Eu e o meu irmão (sat.: *uheyke'et*) Ostiano.
- 13) Quando eu já era grande, eu cheguei a conhecer a minha mãe (sat.: *uity*).
- 14) Aí o meu irmão foi para a minha mãe.
- 15) Só eu fiquei junto com os meus avôs.
- 16) Aí, quando eu era mais grande, eu foi também.
- 17) Aí eu deixei os meus avós (sat.: *uha'ase'i*, o meu avô, *uhehary*, a minha avó).
- 18) Quando eu fui, eu fiquei junto com a minha mãe.
- 19) Lá eu já estava grande mesmo.
- 20) Um dia a nossa mãe estava doente, depois ela morreu, a nossa mãe.
- 21) Aí nós ficamos sozinhos.
- 22) Mas teve o nosso padrasto (sateré antigo: *iã'akap*; mod.sat.: *nugara*).
- 23) Depois da morte da nossa mãe, o nosso tio (sat.: *uru'ywot hit*) nós levou.
- 24) Nós saímos de lá e ficamos juntos com o nosso tio.
- 25) Quando nós moravamos lá, a esposa (sat.: *ehary'i*) do nosso tio morreu, ela, que morreu, foi boa.
- 26) Naquele tempo já eramos grande (sat.: *urutãg*), eu foi grande (*uitãg*).
- 27) Aí o meu irmão se casou com uma mulher do Marau.
- 28) Aí ele só demorou pouco e então ele foi.
- 29) Ele me deixou.

- 30) Então eu fiquei sozinho.
- 31) Quando eu fui passear, eu morei junto com o meu tio Gabriel (sat.: *Kapireu*).
- 32) Lá eu trabalhava tres anos limpando guaranazal (sat.: *warana ypia*).
- 33) Quando teve as frutas (sat.: *hat*), nós trabalhamos com as frutas [= fábrica].
- 34) No tempo da roça (sat.: *~go*) nós fizemos as nossa roças.
- 35) Lá eu trabalhava.
- 36) Onde ia trabalhar meu tio me deu rede e roupa.
- 37) Lá eu morava tres anos.
- 38) Aí uma pessoa de São Raimundo chamado de Eusébio me emprestou (sat.: *uipuru*) e me levou para Marau para trocar guaraná com mercadoria (sat.: *mipap*).
- 39) De lá nós trouxemos muita roupa no xamaxim (sat.: *kuriwu*).
- 40) Trouxemos sabão (sat.: *sapãu*), sal (*ukyt*), kerosene (*ariaty hy*).
- 41) Naquele tempo nós trabalhamos no guaraná ao longo do Andirá (sat.: *atira*) inteiro.
- 42) Por isso os brancos [= os regatões] vieram de Maués para comprar (sat.: *kyi'at*) guaraná.
- 43) Nesse tempo ninguem comprava guaraná nesse rio [Andirá].
- 44) Aí eu trabalhava lá [Marau].
- 45) Também nós fizemos pão (sat.: *i'ok*) de guaraná de 20, 30, 40 kilo, aí nós colocamos em cima do fumeiro (sat.: *yhĩg*) para eles ficarem bem torrado.
- 46) Quando ficaram bem torrado, os brancos vieram para comprar.
- 47) Cada comunidade vendia 30 ou 40 kilo, as vezes 50 até 70 kilo.
- 48) Naquele tempo ninguem vendia 100 kilo, mas só menos do que 60 kilo.
- 49) 5, 6, 10 kilo, que eles [uma pessoa particular] venderam (sat.: *ta'atuweneru*).
- 50) Por causa disso em cada comunidade tinha mercadoria.
- 51) Eles compraram sal, sabão, kerosene, roupa, espingarda (sat.: *muka*).
- 52) Aí eu trabalhei de novo no guaranazal até eles deram frutas, tres anos, lá no São Raimundo.
- 53) Aí a época de roça chegou de novo e nós trabalhamos na roça.
- 54) Também os guaranazais floream.
- 55) Os velhos também trabalhavam nos cafézais (sat.: *kawe*, Kaffee).
- 56) Nós tínhamos tres trabalhos diferentes: guaraná, roça, café.
- 57) Através desses trabalhos nós nós sustentamos aqui.

- 58) Mas tinha também os nossos valores (sat.: *sa'up*) da mata: cipó (sat.: *yrypo*), arumã (*warumã*), breu (*ytyk he*), copaiba (*kupa'ipa*), balata, sorva (*surva*), masaranduba (*masara*), também um tipo de pau d'arco (*arawa*).
- 59) Isso foram os nossos materiais.
- 60) Com aquelas coisas nós trabalhamos, através disso nós compramos várias coisas: sabão, roupa, linha de costura (sat.: *ynimu~*), terçado, enxadas, machados.
- 61) Através disso nós ganhamos dinheiro e por isso nós nunca sofremos (sat.: *uruho'opot*) muito a falta dessas coisas.
- 62) Todos os casados (*ihary'i rakaria*) tiveram essas coisas.
- 63) E por isso nós trabalhamos, muita gente junta (sat.: *urusem mo*; *urusem*: muita gente, puxirum)
- 64) Primeiro nós fizemos o [trabalho] de uma outra pessoa.
- 65) Quando esse foi pronto, fizemos o da outra pessoa.
- 66) No guaranazal, cafézal, nas roças.
- 67) Mas nesse negocio do cipó, arumã, balata nós trabalhamos sozinho.
- 68) Lá só uma ou duas pessoas trabalharam.
- 69) Mas a minha avô estava lá no Bom Jardim e também os meus tios.
- 70) Aí eu estava com saudade da minha avô.
- 71) Aí eu deixei São Raimundo para onde a minha avô.
- 72) Lá eu morei 5 anos.
- 73) Eu ainda não foi casado.
- 74) Passeava por aí, onde tinha festa d dança (sat.: *hairu*²⁸).
- 75) Tinha música (sat.: *pypy'e*) e canção (*wepy*) de flauta (*frauta*), cavaquinho (*kawakiu~*) e chocalho (*kisi~g kisi~g*).
- 76) Esses as pessoas fizeram para dançar.
- 77) Mas naquele tempo os velhos antigos adoravam os ídolos (sat.: *tupana iã'ãkap mõtypot*, ídolos / adoravam).
- 78) Cada ano eles fizeram uma festa para adorar as imagens de Deus.
- 79) É assim, que nós adoramos a imagem de Deus.
- 80) Naquele tempo eles [os ídolos] vieram através dos padres (sat.: *pa'i*).
- 81) O padre espalhava a palavra (sat.: *henoi henoi*, „contou, contou“) por aqui.
- 82) Então o padre trabalha por aqui até hoje.

²⁸ Cada tipo de dança; também indígena;

- 83) Por isso os padres mandaram (sat.: *toiporokpun*) fazer essas festas (*wepiit*).
- 84) Também em todas as comunidades eles mandaram fazer teçume (sat.: *pĩg pĩg*).
- 85) Também ele trouxe as imagens de Deus á cada comunidade, lá os velhos a compraram com guaraná.
- 86) Também na época os velhos compraram o teçume [?], assim os velhos disseram.
- 87) Naquele tempo o padre não nós mostrou a palavra de Deus verdadeira (sat: *Tupana ehay sese*).
- 88) Ele nós ensinou aquela [palavra errada], ele colocou essa imagem de Deus e nós mandou adorâ-la.
- 89) Aí ele disse: „Vocês tem que adorar a imagem e através disso vocês vão receber salvação“ (sat.: *ehakyera'at*, ajuda, salvação).
- 90) É assim, que ele contou.
- 91) Aí nós fizemos.
- 92) Aí, na época, morei no Bom Jardim.
- 93) Bom, eu arranjei uma mulher (sat.: *atipu~eti haryporia*).
- 94) Aí eu tinha os meus filhos (sat.: *uimepyt'in*) lá.
- 95) Aí a minha filha mais velha (sat.: *sa'awy uimepyt*) Celina, aí Tomé, Maxico.
- 96) Aí nós moramos, eu não sei quantos anos.
- 97) Aí a mãe dos meus filhos morreu.
- 98) Aí eu fiquei sozinho com os meus filhos.
- 99) Eu só tinha uma filha, mais Tomé e Maxico.
- 100) Mas um dia a nossa irmã estava lá no Araticum Nova.
- 101) Ela já sabia, que a minha mulher morreu.
- 102) Aí ela chamou as crianças: „Senhor (sat.: *mimi*), traiga os seus filhos pra cá!“
- 103) Aí nós mudamos para lá.
- 104) Aí eu levei mis filhos para a tia deles (sat.: *i'atu'api'i*).
- 105) Mas Tomé e Maxico não queriam ficar lá.
- 106) Só a minha filha queria ficar com a tia dela.
- 107) Então os meus filhos andaram comigo.
- 108) Eu trabalhei lá no Araticum na pau-rosa.
- 109) Lá nós trabalhamos na pau-rosa dois anos.
- 110) Naquele tempo os brancos começaram colocar uma usina para tirar essência da pau-rosa em Ponta Alegre.

- 111) Nós fizemos estrada (sat.: *mu'ap*) bonita até no tuco de pau-rosa pelo mato.
- 112) Quando chegamos no tuco, nós derrubamos.
- 113) Bom. Aí nós cortamos 4 metros (sat.: *iã'ãg hap*, „medidas“).
- 114) Aí nós colocamos um pauzinho, aí nós fizemos uma alça (sat.: *hairy*) e aí nós puxamos.
- 115) Aí nós fomos.
- 116) Nós fizemos paus de 6, 7, 8, 10, 11, 12 palmas de grossura.
- 117) Aí nós levamos para a beira (sat.: *y'y kape*).
- 118) Daí nós fomos para a usina para contar ao dono da usina.
- 119) Ele nós deu o batelão (sat.: *yara wato*) para carregar.
- 120) Aí nós embarcamos 2 ou 3 toneladas (sat.: *typy tunerata, mye'ym tunerata*).
- 121) Naquele tempo não tinha motor.
- 122) Lá eles o colocaram na balança (sat.: *ha'ãg hawe*) para saber quantos kilos [são].
- 123) Aí nós verificamos 2 toneladas conforme a grossura do pau.
- 124) Isso nós vendemos.
- 125) Mas [na beira] ainda tinha mais, nós fomos buscar de novo.
- 126) Aí nós recebemos pagamento (sat.: *sa'up*) em forma de mercadoria, às vezes dinheiro mesmo.
- 127) Se nós precisávamos dinheiro, eles nós deram dinheiro.
- 128) O preço na época foi o mesmo como hoje, não é muito, só 25.00 Cruzeiros.
- 129) Mas naquele tempo foi caro (sat.: *ha'up woity*, „muito dinheiro“).
- 130) Primeiro nós tiramos mercadoria fiado, depois trabalhamos no pau-rosa 7, 8 palmas de grossura.
- 131) Depois de terminar trabalho, nós entregamos tudinho.
- 132) Aí ele pesou para saber o valor de 7, 8 palmas.
- 133) Mas ainda ficamos nas dívidas (sat.: *uruteweru*), aí nós fomos tirar mais madeira.
- 134) Porque naquele tempo o pau-rosa não ficou longe.
- 135) Naquele tempo foi a primeira vez, que nós deixamos o nosso trabalho no guaranazal, na roça, fazer as nossas casas, naquele tempo também os cafézais por causa do trabalho de pau-rosa.
- 136) Aí nós não tínhamos mais roça, então na época não tinha a nossa comida.
- 137) Naquele tempo os brancos pagaram um preço bom.
- 138) Mas para mim o preço da pau-rosa não foi bom.

- 139) Para a madeira só o preço foi baixo, mas a essência, que eles tiraram na usina, eles venderam caro.
- 140) Mas um dia teve a FUNAI e foi ela, que proibiu trabalhar na pau-rosa.
- 141) Mas em qual ano, eu não sei.
- 142) Naquele tempo tinha muitas pessoas, que tinham vontade de trabalhar, porque não muito longe tinha muita pau-rosa.
- 143) Por causa disso o pessoal tinha deixado os guaranazais, as roças e os cafézais.
- 144) Aí todos os brancos foram para Maués e por aqui também, só para procurar pau-rosa.
- 145) Aí o pessoal abandonou os guaranazais e cafézais para 5 [?] anos.
- 146) Daí a FUNAI entrou e proibiu o comercio de pau-rosa.
- 147) Mas eles ompraram escondido.
- 148) Um dia a FUNAI já sabia e expulsou os brancos.
- 149) Mas até hoje os brancos querem comprar pau-rosa.
- 150) Mas agora já não tinha mais pau-rosa perto, por isso os índios não querem mais trabalhar hoje.
- 151) Porque a FUNAI já faz serviço aqui, também temos os tuxauas para vigiar as suas áreas.
- 152) Aí a FUNAI veio e erigiu posto (sat.: *ipyhyp*, „cercado“, demarcação, posto).
- 153) Aí os Sateré deixaram o trabalho de pau-rosa.
- 154) Naquele tempo os Sateré tiveram muito apoio pelo lado da FUNAI, porque ela não trouxe briga (sat.: *wu'uka*).
- 155) Os Sateré deram apoio à ela, porque a FUNAI tinha demarcado a área (sat.: *ahe'yi topyhyp*, área / demarcado).
- 156) Por isso os Sateré ficaram muito contente.
- 157) Aí a FUNAI nós mandou voltar ao nosso trabalho: „Você pode fazer plantação, fazer roça. Vocês podem plantar arroz (sat.: *arui*) e feijão (*kumana*) etc. Através disso vocês vão se sustentar (sat.: *eweikupte'en waku pe*), também vocês podem plantar guaraná, tudo. Assim que vocês vão se sustentar.“
- 158) Assim a FUNAI falou.
- 159) Naquele tempo o *ape'i* [„barata“, apelido do Al Graham] chegou no ano 1960.
- 160) Antes da chegada do *ape'i* os padres andaram por aqui.
- 161) No tempo de Nunes Pereira teve o padre por aqui.

- 162) Vieram dois padres, um de Barreirinha, um de Parintins para Terra Preta, São Raimundo (sat.: *Saure'i*) e Conceição (*Kuseisãõ*).
- 163) Naquele tempo a palavra de Deus não existia por aqui, mas todas as comunidades adoraram as imagens.
- 164) Naquele tempo os padres ensinaram (sat.: *henoi*, „falaram“, „contaram“) [em] latim.
- 165) Os Sateré pensaram, mas não entenderam.
- 166) Por isso os Sateré fizeram festas conforme aos padres.
- 167) Quando o padre chegou, o povo se ajuntou.
- 168) Quando o padre tinha saído, não fizeram mais festa, porque eles não entenderam.
- 169) Naquele tempo os padres falaram nem uma palavra Sateré.
- 170) Naquela hora *ape'i* [Alberto] chegou com o padre.
- 171) Padre *Siku* (Francisco) veio, mas também Padre Eliseu, eles foram italianos.
- 172) Com eles o Albeerto veio e foi para Terra Preta e São Raimundo.
- 173) Aí ele voltou sem falar Sateré e sem falar a palavra de Deus.
- 174) Mas naquele tempo teve na Ponta Alegre a escola Sabatina [Sat.: *sapatu mōtypot*, „adorar o Sabado“ = Adventistas do Sétimo Dia).
- 175) Naquele tempo o capitão era índio, o nosso capitão geral França (sat.: *Warãsa*).
- 176) Ele tava estudando com eles.
- 177) Lá Alberto pediu licença: „Será, que é bom estudar a sua língua?“
- 178) Aí o capitão França pensou: „Aí, tudo bem! Sim, é bom, mas só, que aqui ninguém mais fala a língua Sateré.“
- 179) Então o capitão França disse: „Se você quiser estudar, seria melhor, se você fosse para Vila Nova. Lá eles falam só Sateré, mas também entendem um pouco de portugueses (sat.: *karaiwa pusu*, branco / palavra). Lá eles usam mais a própria língua. Por isso você pode estudar lá.“
- 180) Aí ele veio por aqui.
- 181) Naquele tempo ele mandou Manduca Bota [ex-capitão], pai do Laurinho.
- 182) O capitão mandou uma carta pra ele: „Será, que a minha casa de 30 metros já foi feito?“
- 183) „Já tá pronto.“
- 184) Capitão França escreveu para o irmão dele [Manduca]
- 185) Mas o Alberto não aceitou.
- 186) Naquele tempo eu fui nada, só empregado (sat.: *semiit*).
- 187) Então uma carta veio por aqui para mandoquinho Bota.

- 188) Quando o França mandou essa carta, o Mandoquinho não sabia ler.
- 189) Mas naquele dia o Rodolfo tava aqui, ele leio a carta.
- 190) Eu também vi.
- 191) Aí Manduca chamou Rodolfo para a casa dele para ler aquela carta.
- 192) Aí Rodolfo disse: „Vamos ver!“
- 193) Aí nós fomos para a casa do Manduca.
- 194) Quando nós fomos, ele nós mandou: „Leia essa carta para mim!“
- 195) Aí o Rodolfo leio.
- 196) Disse assim: „Amigo Manduca, um americano mandou uma carta para mim. Aí eu mando para vocês: ‚Faz uma casa pra lá!‘ Quando está pronta a minha casa, eu venho no mes de fevereiro.“
- 197) Mas o Manduca não atendeu, porque não fizeram uma casa.
- 198) Um dia, no mes de fevereiro, ele chegou.
- 199) O batelão de Horácio tava cheio de bagagem.
- 200) Ele trouxe 11 tambores.
- 201) Naquele dia o pai do Rosomiro, Adolfo, e Donato trouxeram ele.
- 202) No Campo eles convidaram os seus tios.
- 203) Naquele dia o Diduca estava aqui, também Abidias, que naquele tempo ainda não era tuxaua.
- 204) Mas Abidias não mandou o seu genro Diduca e disse: „Não, essa carta não veio para nós.“
- 205) Aí ele não quis ir mais.
- 206) E aí, como ninguem foi, eu fui.
- 207) Mas o Diduca queria ir, aí eu disse: „Vamos ver o americano. Será, que ele veio para ajudar. Será, que ele trouxe coisas boas.“
- 208) É assim, que eu pensei: „Será, que ele é bom e nós da ajuda.“
- 209) Mas o irmão [do Diduca] Pitácio não queria ficar atrás também.
- 210) O nosso pensamento era igual.
- 211) Quando fomos, nós encontramos o americano em cima do Campo no meio dia (sat.: *at posake*): „Agora nós chegamos“.
- 212) Nós pensamos, que não era muito pesado.
- 213) Aí ele perguntou: „Vocês já comeram?“
- 214) Respondemos: „Não.“
- 215) Porque nós fomos embora de repente, nós não trouxemos rede.

- 216) „Vocês querem asar comida?“ [ele disse]
- 217) Aí Donato cortou um pedaço de piraruku e nós fizemos fogo. Bom.
- 218) Quando tava asado, nós comemos
- 219) Aí nós fomos embora de novo, quando terminamos a comida.
- 220) Alí na cachoeira já escureceu, onde tá a cozinha do Fabio.
- 221) Mas nós queríamos viajar e noite.
- 222) Mas o americano não nós deixou viajar a noite.
- 223) Nós não tivemos farinha, mas ele teve rede, farinha e comida.
- 224) Mas ele chamou arroz de farinha, porque ele não comia farinha.
- 225) Quando nós chegamos aqui, ele nós deu duas redes.
- 226) Quando escureceu lá nós dormimos junto com Pitácio.
- 227) De manhã cedo nós fomos de novo o dia inteiro.
- 228) Nós encostamos aqui às 4 da tarde.
- 229) Ainda não tinha casa dele, mas naquele dia o Laurinho estava lá na casa da família do tuxaua Zuzú.
- 230) Nele Laurinho estava.
- 231) Ele não saiu.
- 232) Aí a bagagem do Americano não foi desembarcada.
- 233) Os tripulantes tavam subindo só para dormir.
- 234) Eles não gostavam de Laurinho, porque le não saiu da casa.
- 235) Mas o pai dele atendeu.
- 236) De manhã cedo o Alberto veio pra cá.
- 237) Naquele dia ao lado da casa do tuxaua tinha uma casinha, no que ninguem estava.
- 238) Mas ele tava na sua cozinha.
- 239) Naquele tempo a gente aqui não tinha muito.
- 240) Aí o Americano olhou a casinha e achou, que ninguem dormia naquela casa.
- 241) Também não tinha rede.
- 242) Não tinha parede (sat.: *mi'ahik'i te*).
- 243) Aí ele perguntou: „De quem é essa casa?“
- 244) Aí o tuxaua Donato contou: „Essa casa é do meu tio.“
- 245) Aí o Americano disse: „Será, que ele vai dar pra mim? Para onde é o dono?“
- 246) Aí ele disse: „Está ali.“
- 247) E agora o Americano: „Vocês podem chamar para mim?“
- 248) Aí ele veio.

- 249) Aí Donato perguntou: „Meu tio, o Americano quer a sua casinha. Primeiro já foi mandado construir uma casa pra ele, mas ninguém atendeu.“
- 250) „Mas tem casa de uma outra pessoa, mas o dono tá lá“ [d.h. „wohnt auch dort“], tuxaua Abidias disse.
- 251) „Mas ele quer ficar sozinho e por isso ele precisa a sua própria casa“, Donato disse, „pode entregar pra ele?“
- 252) Mas ele não atendeu: „Porque a carta não veio para mim. Se eu ia atender esse estrangeiro, ele ficaria aqui e as pessoas ficariam contra mim.“
- 253) Mas naquele dia Donato ainda não era tuxaua, mas ele sabia falar bem.
- 254) Aí Dontao disse para o seu tio: „Nós não escolhemos ele, mas foi ele, que escolheu esse lugar, porque não foi feito a sua casa. Também esse outro dono da casa não quer sair. Ele quer ficar sozinho mesmo, porque ele está com a sua família.“
- 255) Aí eu disse: „É assim, que ele falou. Nós não queremos, que ele fica aqui, mas ele quer ficar. Porque ele não agradou essa outra casa.“
- 256) E aí o Donato falou mais uma vez e agora o tuxaua atendeu.
- 257) O tuxaua disse: „Tá bom, é vocês, que sabem. Eu não estou aqui, eu moro lá na minha cozinha. Vocês são responsável dele.“
- 258) O Donato disse: Sim, ele quer pagar o tio.“
- 259) Aí o Americano disse para o tuxaua Abidias: „Vocês querem agora o dinheiro?“
- 260) „Eu não sei“, o tuxaua disse.
- 261) Aí eu disse para ele: „Você pode pedir, *ase'i*, porque ele quer pagar.“
- 262) Por isso o tuxaua respondeu: „Só vocês sabem, quanto vocês querem pedir.“
- 263) Naquele tempo eu pedi um conto (sat.: *kōtu*) dele.
- 264) Aí ele me deu.
- 265) Aí ele pagou aluguel para um mes.
- 266) Aí tá bom.
- 267) Aí o tuxaua Abidias disse: „Eu vou ficar alí na minha cozinha.“
- 268) Mas o Americano disse: „Não tuxaua, tem que ficar comigo!“
- 269) Aí o Donato disse: „Ele não quer, que você fica lá na cozinha.“
- 270) Por isso o tuxaua disse: „Tudo bem. Eu vou ficar aqui.“
- 271) Na mesma hora o pessoal foi para pegar abagagem dele.
- 272) Aí eles a botaram na casa dele.
- 273) Eles tiraram tudinho dos tambores.
- 274) Diduca e Pitácio trabalharam.

- 275) Mas aquela casa ainda não tinha parede.
- 276) Quando eles tinham tirado tudo dos tambores, o Americano mandou eles fazer parede.
- 277) Primeiro ele mandou os seus adjutantes fazer parede.
- 278) Mas ele não escolheu mim mesmo.
- 279) Aí eles disseram: „Nós vamos fazê-lo à manhã!“
- 280) Aí ele deu pagamento para cada um desses pessoas.
- 281) Aí ele estava aí.
- 282) Aí ele começou o trabalho.
- 283) Aí ele gravou qualquer palavra no gravador.
- 284) Mas ele gravou [clandestinamente], ninguém sabia.
- 285) Mas ele queria fazer apalavra de Deus, isso foi, o que ele procurou para traduzir (sat.: *toikat*).
- 286) Aí ele fez muitas perguntas: „Como é ‚casa‘?“
- 287) Aí eles contaram.
- 288) Mas outras pessoas estavam rindo dele.
- 289) Mas um dia ele chegou comigo: „Você me pode ensinar as coisas.“
- 290) Aí ele me convidou.
- 291) Aí eu falei: „Tudo bem, porque você precisa.“
- 292) Aí eu ensinei pra ele várias coisas.
- 293) Também ele perguntou para várias coisas.
- 294) Aí eu contei para ele como é, que a gente chama as plantas, como é o nome da caza.
- 295) Naquele tempo eu morava ali.
- 296) Aí eu vinha cada dia de manhã cedo.
- 297) Sempre eu disse pra ele: „Cheguei!“ (sat.: *mesup ta'yn ariot*).
- 298) Aí ele me deu um relógio, porque ele me deu parra ensinar só 5 minutos.
- 299) Quando terminaram 5 minutos, tava pronto.
- 300) Aí ele disse: „Amanhã você me pode ensinar de novo?“
- 301) „Eu posso.“
- 302) Aí ele me deu um relógio.
- 303) Aí ele me disse: „Você me pode ensinar 30 minutos?“
- 304) „Tudo bem, eu posso.“
- 305) Aí eu contei para ele várias coisas.
- 306) Aí de novo: „Amanhã você me pode ajudar de novo?“

- 307) „Sim, eu posso.“
- 308) Aí ele me deu um relógio de novo.
- 309) Aí ele me disse: „Você pode trabalhar até 1 hora comigo?“
- 310) „Sim, eu posso.“
- 311) Aí eu contei para ele até 1 hora.
- 312) Aí primeiro ele me deu 10 moedas, até eu apurei 50 moedas.
- 313) Um dia ele me convidou para ensinar mais tempo.
- 314) Aí ele me convidou ensinar ele para sempre.
- 315) Aí eu disse para ele: „Sim, tudo bem, eu aceito.“
- 316) Mas naquele tempo eu ainda não entendia traduzir, mas eu tinha confiança.
- 317) Eu ensinei uma semana inteira.
- 318) Mas um dia ele já sabia mais, os nomes de várias coisas.
- 319) Até ele sabia: „Bom dia [amigo]!“ (sat.: *ihat'ok uhyt*), „Senhor“ (*mimi*), „Senhora“ (*mana*).
- 320) Naquele tempo o Americano ainda não entendia bem o português (sat.: *karaiwa ehay*).
- 321) Um dia ele voltou de mim de novo.
- 322) Aí ele estudou comigo.
- 323) Ele não mais procurou outras pessoas para ensinar ele.
- 324) Ele me gostou ensinar ele.
- 325) Ele sempre passou um mes por aqui.
- 326) Mas um dia ele já sabia mais a nossa linguagem.
- 327) Mas um dia ele fez uma cartilha Sateré, um ABC.
- 328) Quando aquela cartilha tava pronto, ele aumentou o meu pagamento: 5.00 Crz. Ele pagou.
- 329) Mas ele pagou assim a tradução da palavra de Deus. De 7 às 11 horas.
- 330) Naquele tempo eu era muito pobre.
- 331) Eu não tinha roupa, não tinha camisa.
- 332) Mas antes de ele saiu, ele me pagou.
- 333) Também ele me deu roupa, camisa, isso ele me deu.
- 334) Daí eu usava camisa.
- 335) Daí ele sempre trouxe roupa para mim.
- 336) Também ele me deu dinheiro para comprar roupa.
- 337) Aí eu comprei para os meus filhos.
- 338) Mas um dia eu não tinha rede.

- 339) Eu e Tomé dormimos numa rede pequena.
- 340) Aqui eu não tinha o meu trabalho, só aquela tradução era o meu trabalho.
- 341) Também eu não tinha roça, nem casa, nem plantação (sat.: *uimikoi ko'i*²⁹).
- 342) No meu lugar, que eu tinha deixado [quando a minha mulher tinha morta], Kurua, tinha guaranazal (sat.: *warana ypia*), cafézal (*kawe ypia*).
- 343) Naquele tempo o Senhor Alberto (sat.: *uhyt ape'i*, „amigo barata“) chegou.
- 344) Com ele eu trabalhava muito.
- 345) Quando eu ensinei para ele, ele já sabia a minha linguagem.
- 346) Naquele tempo eu já tinha a minha cozinha e roça.
- 347) Naquele tempo ele veio de novo, mas não por aqui, mas sim parou na Ponta Alegre.
- 348) De lá ele me mandou para lá através do tuxaua Darico: „Vem por aqui, Senhor, eu quero falar contigo. Você quer ir para Belém comigo? Eu queria saber, o que você pensa.“
- 349) Mas o tuxaua Abidias não me liberou viajar, também nem a minha esposa me deixou.
- 350) Naquele tempo a minha roça (sat.: *uiko*) ainda não foi queimada (*yworok te*).
- 351) Também o meu filho Gonçalo ainda tava muito pequeno.
- 352) Mas eu fui.
- 353) Eu não soube, o que lá vai ter a fazer para mim.
- 354) Eu fui no mes do julho.
- 355) Na hora da minha viagem a minha esposa não me deixou.
- 356) Aí eu disse pra la: „Sim, eu so vou falar com ele, depois eu vou voltar.“
- 357) Eu enganei ela.
- 358) Aí eu fui com o tuxaua Darico.
- 359) Naquele tempo o barco do „Peixe-fede“ (sat.: *pira nem*) tava lá no Torrado.
- 360) Para lá nós vamos com Darico.
- 361) Nós chegamos lá, embarcamos e viajamos.
- 362) Nós chegamos na Ponta Alegre no meio dia.
- 363) Aí Alberto olhou da casa da França.
- 364) Quando ele me viu, ele correu e me abraçou, pegou a minha rede e me levou.
- 365) Aí ele falou para mim: „Senhor, eu mandei recado para o Senhor, se você quer ir comigo para Belém.“
- 366) Assim, que contou a carta.
- 367) Aí o tuxaua respondeu: „Sim, é por isso, que eu vim por aqui.“
- 368) Aí eu disse para ele: „Sim, eu posso ir.“

²⁹ *ko'i*, planta; *ui mikoi ko'i*, muitas plantas, plantação (plantas cultivadas)

- 369) Naquele tempo o barco do Belaio, a Vera Cruz tava lá, pra ele ele pagou a minha passagem.
- 370) „Às 4 horas da tarde nós vamos daqui, Senhor“, ele me disse.
- 371) Aí nós embarcamos.
- 372) Isso foi a primeira vez, que eu fui no motor.
- 373) Também eu nunca conhecia Parintins.
- 374) Porque eu fui criado por aqui mesmo.
- 375) Também eu nunca tinha andado no carro, mas Maués eu conhecia.
- 376) Mas eu fui.
- 377) Aí de manhã cedo nós chegamos em Parintins.
- 378) Nós encostamos lá no porto do mercadão.
- 379) Quando Alberto acordou, ele saiu para fora para a casa do Pastor Lessa.
- 380) Lá ele demorou um pouco.
- 381) Depois ele trouxe 5 pães.
- 382) Naquele tempo eu nunca tinha comido aquele pão.
- 383) Naquele tempo o filho do Belaio nós transportou, o jovem „Marau“ (sapo).
- 384) Os tripulantes fizeram o café de manhã.
- 385) Eles disseram: „Mas nós não temos pão!“
- 386) Mas eu disse para eles: „Mas aqui tem 5 pães. Eu já tomei café.“
- 387) Mas foi a primeira vez, que eu tomei café.
- 388) Lá o índio tomou café pela primeira vez!
- 389) Para mim esse pão foi muito gostoso.
- 390) Depois o Alberto voltou da casa de Pastor Lessa, mas ele veio no carro.
- 391) Aí ele saiu do carro e disse: „Vamos!“
- 392) Aí ele desatou a sua rede.
- 393) Aí nós fomos.
- 394) Aí ele me deu um quarto para dormir.
- 395) Lá dentro tinha 3 camas, eu não dormi mais na rede.
- 396) Mas eu não consegui dormir naquela cama.
- 397) Aí eu tava pensando a noite inteira até chegou o dia.
- 398) Aí ele me disse: „Vamos passear!“
- 399) Aí ele me mostrou toda a mercadoria.
- 400) Também naquele tempo por aí não tinha sandália, por isso eu andava sem sandália.
- 401) Lá ele comprou para mim alí na sapataria.

- 402) Aí eu achei bom.
- 403) Aí ele me comprou uma calça e uma camisa.
- 404) Lá ele me „enfeitou“.
- 405) Lá a minha calça velha eu só levou na minha mão.
- 406) Aí eu botou na minha sacola.
- 407) Aí ele me disse: „Tu queres mandar alguma coisa para a tua esposa?“
- 408) Aí eu pedi para ele: „Eu quero mandar roupa e um corte de saia.“
- 409) Aí ele me perguntou: „Quanto?“
- 410) Aí eu pedi dois corte de 3 metros.
- 411) Aí ele me perguntou de novo: „Quer mais?“
- 412) Aí eu pedi 6 tubos de linha de costura.
- 413) Aí eu disse: „Tá bom, só isso.“
- 414) Aí eu mandei o filho do capitão França, João.
- 415) Aí eu entreguei para ele e disse: „Entrega essas coisas para o seu pai!“
- 416) Ele, que o mandou pra ela.
- 417) Aí nós voltamos para onde nós dormimos.
- 418) Aí ele me disse: „Então eu vou procurar as nossas passagens.“
- 419) Ou embarcação ou avião (sat.: *yara ywaitiat*).
- 420) Aí ele foi sozinho.
- 421) Depois ele voltou de novo: „Agora eu já arrumei a nossa passagem. Eu já paguei.
Amanhã às 9 horas nós vamos viajar de avião!“
- 422) Então às 8 e meia nós fomos para o aeroporto.
- 423) Aí o avião chegou às 9 horas.
- 424) Quando o avião chegou, eu não soube de onde veio.
- 425) Eu só vi, que veio por terra.
- 426) Aí o Alberto me disse: „Então vamos, Senhor! Porque o avião tá aí.“
- 427) Aí nós embarcamos e fechamos o cinto de segurança.
- 428) Aí eu fui sentado junto com ele.
- 429) Ele me ensinou e me perguntou: „Você tem medo (sat.: *ereke~n'e*), Senhor?“
- 430) „Eu não sei, Senhor.“
- 431) Aí ele me disse: „Cuidado, Senhor!. Nós vamos por aqui devagar e de volta ele anda
bem rápido para subir.“
- 432) Aí de volta ele foi de repente.
- 433) Eu tive muito medo (sat.: *min'ok*, muito excitado) no momento o avião subiu.

- 434) Aí eu vou contar mais um parte da minha passagem (sat.: *wikosap hap*).
- 435) Naquele tempo eu parei de fumar (sat.: *suhu ahapy*).
- 436) Os meus fósforos (sat.: *uhe'aria*) tavam na bolsa da minha camisa.
- 437) Como eu já tinha fumado, o meu cigarro ficou bem pequeno.
- 438) Aí eu coloquei na caixinha dos fósforos.
- 439) Esse cigarro pequeno eu não fumei mais.
- 440) Mas eu o levei, mas tinha vergonha de fumar.
- 441) Então nós subimos de Parintins e descemos no Oriximina.
- 442) Lá nós paramos 20 minutos e subimos de novo.
- 443) Nós chegamos em Santarem.
- 444) Lá nós almoçamos.
- 445) Quando terminamos o almoço, nós fomos embora denovo.
- 446) Aí ele me disse: „Daqui nós vamos descer em Belém.“
- 447) Aí eu tinha medo e fiquei bem segurado [de medo], os meus braços já foram muito cansados.
- 448) Nós saímos às 11 horas de Santarem.
- 449) Aí ele me disse: „Daqui nós vamos chegar às 3 horas em Belém.“
- 450) De lá nós estávamos muito alto, mas naquela hora eu já estava acostumado um pouco.
- 451) Passou 2 horas e ele me disse: „Daqui não é muito longe, Senhor.“
- 452) Aí os pilotos contaram: „Faltam 30 minutos para chegar.“
- 453) Daí a pouco ele me disse: „Olha, Senhor, para baixo! Nós chegamos em Belém.“
- 454) Aí às 3 horas nós chegamos lá.
- 455) Eu tinha medo da cidade grande.
- 456) Aí nós desembarcamos do avião e fomos para a casa do aeroporto.
- 457) „Aí eu vou procurar a nossa passagem!“
- 458) Depois ele veio de carro.
- 459) Aí nós fomos de carro, uma distância daqui até Ponta Alegre.
- 460) Quando nós chegamos a mulher dele ficou muito satisfeita: „Eu não pensava, que você chega até aqui!“
- 461) Lá eu joguei o meu cigarro pequeno e os fósforos por baixo da assoalhada.
- 462) Lá eu joguei o meu cigarro e nunca mais fumei até hoje.

- 463) Aí em 1963 eu deixei cigarro, dança e também dança da tucandeira (sat.: *wāumat*)³⁰.
- 464) Essa coisas eu deixei tudinho.
- 465) Lá nós fizemos o livro do Marcus.
- 466) Aí já tava pronto o livro do Marcus.
- 467) Aí eu passei 2 meses para lá para fazer isso.
- 468) Aí ele me trouxe de volta para cá.
- 469) Aí eu trouxe esse livro de Marcus em Sateré.
- 470) Aí eu ensinei aqui.
- 471) Aí nós fomos reunir o pessoal para ensinar.
- 472) Eu ensinei cada domingo.
- 473) Naquele tempo a nossa comida era um quarto de veado, as pessoas trouxeram aqui.
- 474) Naquele tempo não tinha igreja, nós tavamos reunidos perto do fogo.
- 475) Eles tavam cozinhando um quarto de veado.
- 476) Aí nós estudamos a Bíblia.
- 477) Nós cantamos (sat.: *urutuwepy*).
- 478) Naquele tempo o hino (sat.: *wepy*) tava começando na língua Sateré.
- 479) Nesse momento anossa comida em cima do fogo derramou, porque um cachorrinho mexeu.
- 480) Aí a água fervida matou todos os cachorrinhos.
- 481) É assim eu contei a minha passagem.
- 482) Naquele tempo eles ficaram bravos (sat.: *i'atupy'ahak*) comigo por causa da palavra de Deus.
- 483) A família de Manduca Bota, todos ficaram bravos comigo, também o Laurinho ficou bravo.
- 484) Mas eu contei.
- 485) Mas um dia o Narciso aceitou (sat.: *he waku*), mas outras pessoas como o Oliveira não aceitaram.
- 486) Um dia os meus filhos Tomé e Maxico já cresceram e eles foram comigo e eu fiquei com eles.
- 487) Então o capitão França e o Marinheiro começaram fazer hinos em nossa linguagem.

³⁰ Crentes: deixaram por causa da „injecção“ de „veneno“ no corpo. „Veneno“: *pohāg* (também: remédio); *satek*, „veneno“, mais abrangente: „tudo o que mata de repente (*wo'o'auka hap*)“ (também armas).

- 488) Eles inventaram ese hino:
- 489) „Jesus me ama, Jesus me ama / *Iesui uiky'e, Iesui uiky'e*
- 490) „Jesus me ama, Jesus me ensinou / *Iesui aiky'e, Iesui henoï mesup*
- 491) Aí o Marinheiro também fez um hino:
- 492) „Senhor entre na minha coração / *uipy'a uipy'a pe ereke ro mehi~*
- 493) „Jesus Christo entre na minha coração / *Iesui Cristo ereke ro uipy pe ereke ro uhyt*
Iesui Cristo
- 494) Quando esse hino foi pronto eles mandaram para mim.
- 495) O capitão França mandou.
- 496) E por aí as palavaras boas (sat.: *sehay wakuat*) tavam espalhando.
- 497) Um dia eu fiquei com um missionário.
- 498) Eu ensinei a palavra de Deus pra cá, pra alí.
- 499) Eu ensinei no Santa Cruz, Terra Preta, Fortaleza, Kuruatuba, Bom Jardim, Livramento e Conceição.
- 500) Naquele tempo eles ainda não aceitaram.
- 501) Naquele tempo tinha muitas imagens, mas Alberto não mandou tirá-las.
- 502) Aí eu voltei de novo para casa.
- 503) Passou um mes e eu fui de novo.
- 504) Naquele tempo não foi boa, eles ficaram bravo comigo.
- 505) Mas lá na Terra Preta teve uma pessoa, o Dico, ele já sabia.
- 506) Aí eu passei para Fortaleza, lá não atenderam.
- 507) Aí eu passei para São Raimundo, lá me atenderam, porque teve Bíblia lá.
- 508) *Ase'i Ka'ĩ* (Cândido) recebeu a Bíblia do sogro dele.
- 509) Aí eu fui para Bom Jardim para o Senhor (sat.: *uhyt*, „amigo“) Adelino.
- 510) Naquele tempo ele teve uma imagem, o nome do santo foi Santo Antônio.
- 511) Primeiro ele me não atendeu.
- 512) Naquele tempo Alberto (sat.: *uhyt ape'i*) veio de novo e trouxe muitos livros do evangêlico de Marcus (sat.: *Maku*).
- 513) Aqueles eu distribui.
- 514) Aí outras pessoas ficaram contentes.
- 515) Porque esse livro foi em nossa linguagem, eles entenderam logo.
- 516) Então eu fui para distribuir, aí eles atenderam.
- 517) Eu voltei de Conceição.

- 518) Passou um mes e eu fui para Belém para fazer „Atos“ (sat.: *saipepiaria*).³¹
- 519) Aí eu fui daqui de avião, porque naquele tempo já teve a pista.
- 520) Aí nós fizemos „Atos“ e eu trouxe para cá.
- 521) Quando eu cheguei por aqui, aí eu foi para distribuir.
- 522) Eu fui tres vezes e eles atenderam bm.
- 523) Eles tiraram as imagens.
- 524) Aí eu fui mais duas vezes.
- 525) Aí eu fui de novo para Belém para fazer o livro de João.
- 526) Aí nós trabalhamos 3 meses em Belém.
- 527) Aí já foram pronto 3 livros.
- 528) Com aqueles eu fui de novo para distribuir.
- 529) Aí eles atenderam ainda mais.
- 530) Aí eles tiraram as imagens tudinho.
- 531) Daí o padre não gostava eles.
- 532) As vezes eles vieram no domingo (l.g.: *mytu'u*) para pegar a Bíblia.
- 533) Aí nós fizemos o Lukas (sat.: *Iruka*).
- 534) Aí eu fui de novo.
- 535) As pessoas quiseram mais livros.
- 536) Eu fui cinco vezes.
- 537) Mas hoje em dia eu não vou mais, porque sou muito velho (sat.: *uiporo*).
- 538) Daí a palavra de Deus já foi espalhando.
- 539) Eles já souberam todos.
- 540) Por isso o padre hoje em dia não vem mais pra cá.

³¹ „Actos Apostólicos“

M 11 Como aconteceu a fundação da nossa comunidade Servo Mikiles

- 1) Primeiro só tinha um tapirí (sat.: *ōg ape*) no lugar chamado de „pau seco“ (*aria'yp gāg*).
- 2) Lá o pessoal sempre dormiu e comeu, sempre parou lá para baixar.
- 3) Esse lugar foi chamado de „tuco de pau seco“.
- 4) Um dia as pessoas fizeram uma casinha (sat.: *yat hit*).
- 5) Naquele tempo eles procuraram terra firme (sat.: *yi waku*).³²
- 6) Então eles fizeram mais uma casa maior.
- 7) Também o *ase'i* Faustino construiu a sua casa por aqui.
- 8) Manuelzinho, o genro dele, era tuxaua.
- 9) O Faustino chamou ele de Terra Preta para construir a casa aqui.
- 10) Então eles fizeram roça e casa.
- 11) Aí eles moravam aqui.
- 12) Aí eles construíram muitas casinhas aqui.
- 13) O Faustino disse: „Vamos fazer a nossa comunidade aqui mesmo!“
- 14) Então eles fizeram muitas roças, plantaram mandioca, e de repente tinha muita maniva por aqui.
- 15) As casas deles eram muito bonitas.
- 16) Então eles pensaram mais: „Então, vamos adiantar a nossa comunidade!“
- 17) Então eles convidaram o pessoal, primeiro veio Manuelzinho e tuxaua Manuel Campo, Francisco (sat.: *Siku Brasil*), o irmão dele, e Manuel Bota, todos vieram de Terra Preta.
- 18) Mas o terramo de Manuel Bota ficou lá em baixo na Patawá.
- 19) O terreno da família do Bota tava lá na Patawá.
- 20) Então eles ajuntaram todos aqui.
- 21) Então Manuel Bota pediu terreno para o tuxaua Antônio.
- 22) Aí ele construiu a sua casa lá [in Vila Nova].
- 23) Por isso a sua família mora lá até hoje.
- 24) Mas tinha outro tuxaua lá na Terra Preta.
- 25) Ele viajou para Pará para pedir aos brancos.
- 26) Mas ele demorou muito, ele passou um ano para lá.
- 27) Mas ele conseguiu um branco, chamado de Albano (sat.: *Arbano*).
- 28) Mas ele veio para comprar borracha (sat.: *sirĩg*).
- 29) Então ele veio por aqui e ficou lá no Rio Taruku'a.

³² Porque para cima só tinha igapó.

- 30) Mas naquele tempo tinha muita seringa por aqui, mas era seringa do mato.
- 31) Eles trabalharam até o Tapajós.
- 32) Para lá do Tapajós eles encontraram muita seringa.
- 33) Lá eles acharam seringa plantada.
- 34) Então veio muita mercadoria: espingarda, máquina de costura, sal, roupa, toda a mercadoria veio naquele tempo.
- 35) Essa mercadoria veio até lá na boca do Taruku'a.
- 36) Ele [o branco] mandou as pessoas trabalharem na seringa, castanha, farinha, guaraná.
- 37) Naquele tempo eles levaram muita mercadoria.
- 38) Outra vez mercadoria veio de novo.
- 39) Porque naquele tempo a mercadoria não foi caro.
- 40) Naquele tempo eles entregaram a mercadoria na mão do tuxaua.
- 41) Então eles venderam esses produtos (sat.: *ywa*) do mato e compraram mercadoria conforme da quantidade dos produtos.
- 42) Naquele tempo não tinha dívida, porque naquele tempo o tuxaua se responsabilizou.
- 43) O primeiro tuxaua dessa comunidade era Manuelzinho, o sogro dele [Faustino] primeiro fundou essa comunidade.
- 44) Manuelzinho foi responsável nessa Vila Nova (sat.: *Tawa Pakup*).
- 45) Um dia a filha dele casou com um branco (sat.: *asiãg pot'u*).
- 46) Por isso ele não queria mais ficar aqui.
- 47) Naquele tempo já teve o posto lá [na Ponta Alegre] e por isso foi proibido, que os brancos entrarem de Marau por aqui.
- 48) Por isso ele não queria mais ficar e saiu daqui.
- 49) O marido dela se chamou de Bernandino.
- 50) Ele levou a filha dele para Marau.
- 51) Aí ele construiu uma casa lá e plantou guaraná.
- 52) Aí ele levou o seu sogro Manuelzinho.
- 53) Então Evaristo (sat.: *Waritu*), o filho dele, demorou pouco aqui como tuxaua.
- 54) Então o Manuelzinho trabalhava lá, plantou muito guaraná.
- 55) Um dia ele levou o seu filho daqui.
- 56) Depois que este saiu, ninguém foi responsável nessa comunidade.
- 57) Os outros, Adelino e Donato, demoraram pouco por aqui.
- 58) Mas um dia capitão França veio por aqui junto com Telvino, também veio Marinheiro, eles vieram de Ponta Alegre.

- 59) Aí ele aprontou Abidias como tuxaua.
- 60) Eu sei que ele trabalhava só 3 anos e morreu.
- 61) Então de novo não tinha pessoa responsável por aqui.
- 62) Então passou um ano e capitão França mandou o seu cunhado Marinheiro para me levar.
- 63) Nós 3 pessoas fomos com ele, eu e a minha mulher e o meu cunhado Nildo no dia da eleição.
- 64) Mas naquele tempo Zezinho roubou as coisas do Americano.
- 65) Então o Americano contou lá no posto, mas ele [Zezinho] já tinha levado as coisas para Manaus.
- 66) Ele levou as panelas, e por isso o capitão França chamou a vovô, a mim e Nildo.
- 67) Então fui eu, que assumiu responsabilidade nessa comunidade.
- 68) Também eu trabalhei com o Americano, ele veio para aprender a nossa língua.
- 69) Mas primeiro ele veio com capitão França.
- 70) Então ele o mandou pra cá para ele aprender Sateré.
- 71) Então muito pessoal veio naquele tempo: Oliveira, Cypriano, Amidio, dessas pessoas eu fui responsável.
- 72) Aí eu moro aqui.
- 73) Tava aumentando o pessoal.
- 74) A família do Emidio e a minha família, com eles nós trabalhamos.
- 75) O número das pessoas aumentou por aqui.
- 76) Naquele tempo o diabo (sat.: *ahiãg*) veio para nós tentar.
- 77) Tinha muito sarampo, naquele tempo morreram muitas pessoas.
- 78) Morreram 12 pessoas, todo o dia, toda a noite.
- 79) Mas nós moramos aqui.
- 80) Mas hoje em dia tem muita gente por aqui, mas também hoje eu não tenho mais força.
- 81) Mas Maxico, o meu filho, trabalha com a palavra de Deus.
- 82) Tomé a mesma coisa, eles foram criado aqui.
- 83) Eles são muito conhecidos entre os pastores da cidade.